

Asilo de Emoções

2ª Edição

Miguel Patrício

© Copyright 2017, Miguel Patrício

Asilo de Emoções

Texto: Miguel Patrício

Capa: Julio Quinan

Revisão gramatical: Miguel Patrício

Diagramação: Cristiano Pricinote (Gráfica Alfa)

Todos os direitos reservados a Miguel Patrício

Editado por: Editora Alfa Gráfica

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização do autor



Este romance é dedicado ao amigo
Lourenço Martins Moreira, pois
foi construído na alegria
de sua presença.

Prefácio

Acompanhemos o trajeto de Setenta, personagem assim chamada porque era a de número 70 em um abrigo de velhos, que passa por dificuldades financeiras. Não são muitos os livros que se passam em asilos em nossa literatura. O tema parece esquentar as mãos dos escritores, é difícil passar por ele sem pieguismo ou lugares comuns. Miguel Patrício consegue. A narrativa de *Asilo de Emoções* corre fluída, atravessando dramas existenciais, psicológicos, fome, carências, solidão, desamparo. O romance, após alguns anos, chega a sua segunda edição. Um feito hoje no Brasil, mesmo quando se trata de autor conhecido. A coisa está brava. Assim considero Miguel Patrício um vencedor. Sei o que significa a batalha cotidiana dos escritores brasileiros. Miguel Patrício, do interior de Goiás, já autor de um relato muito interessante, *O Diabo Está lá Fora*, já em quarta edição volta agora com seu romance, revisto e retrabalhado com um volume que me encantou porque toca num assunto que mexe cada vez mais com nossas vidas. A velhice, a terceira idade, a melhor idade, o idoso. A cada dia criam um eufemismo para evitar a palavra velhice. Eu que estou nela, assumo e digo: gostei de ler este livro e ver um escritor encará-la, atravessá-la, mostrar o que é envelhecer. Há todo tipo de organizações cuidando de crianças. E os velhos, os que já viveram suas vidas? Muitos estão abandonados pelas próprias famílias? Velhos com aposentadorias ridículas, mesquinhas, medíocres, que são afronta. Miguel Patrício é afetuoso e duro, seu romance é uma câmara que denuncia, delata, aponta as mazelas daqueles que,

minuto a minuto, se encontram cada vez mais sós, a palavra presente extirpada e a ausência de futuro. Um livro delicado, curto, que acentua, porém, como a solidariedade pode mudar tudo, principalmente em um momento em que o Brasil atravessa uma crise como jamais se viu. Este livro se lê de um fôlego e ao final nos leva à pergunta: o que fazer pelos outros? No que cada um pode contribuir? Sou provavelmente um desses personagens de quem Miguel Patrício fala. O que alegra é ver que fora deste eixo Rio-São Paulo existem bons escritores a serem descobertos, lidos, comentados, divulgados, tratando de temas atuais, que afetam a todos como a economia, o desemprego, a corrupção, a depressão, a falta de ética e moral dos políticos, a solidão. E também a velhice. Duvido que começando você deixe este livro de lado. É daqueles que se grudam e nos conduzem. Agradável descoberta, foi bom um dia ter passado por Goiatuba, conhecer Miguel Patrício e receber seu livro. Agora, repasso a vocês.

Ignácio de Loyola Brandão

Escritor e jornalista, 44 livros publicados entre romances, contos, crônicas, viagens, infantis. Maioria traduzidos em onze línguas. Quatro Prêmios Jabuti. Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras em 2016.

Asilo de Emoções

Setenta

Setembro. Manhã de sol. Primeiro dia da Primavera. Para muitos, só mais um dia, só mais uma estação que começa; para outros, no entanto, uma estação ou mesmo um dia têm muito valor. A velhice, por exemplo, traz contados os raios do sol.

- Olá, meninas! Tenho mais uma companheira pra vocês.

Um grupo de velhinhas: umas, encostadas à parede; outras, sentadas em rústicos tamboretos, entretidas no aquecer ao sol da manhã, velho costume naquele asilo, olham estupefatas. Joana chegava, amparando uma idosa mulher, a septuagésima alma a vagar por entre os velhos corredores do local. Não foi boa a acolhida:

- Mas, dona Joana, já somos sessenta e nove e a situação não é nada boa...

- Nem pense nisso, dona Esther. Ela vai ficar.

- Já estão faltando leitos - argumenta outra velhinha. - como vamos fazer?

Joana, que por muitos anos, ao lado de seu esposo João, mantivera de pé aquele abrigo, responde com a calma de sempre:

- A esperança ainda não nos abandonou, dona Afrodite. Onde comem sessenta e nove, comem setenta. Ela amanheceu em nossa porta; não tem ninguém, nem onde morar. Ela vai ficar.

No fundo, uma voz um tanto rouca se faz ouvir:

- Levante, Cesarina! Venha, Manoel! Ei, pessoal! Venham conhecer a “Setenta”.

Nos límpidos olhos daquela mulher, a Setenta, nasceram duas lágrimas que correram em suas rugas: rios de ternura. Amparada, agora por sua bengala, caminha mais alguns passos, procurando ver melhor aquele lugar, sua nova casa. Um senhor e algumas senhoras aproximam-se.

- Não precisa chorar, minha senhora - diz a velha Magdalena. - Esther e Afrodite não falaram por mal. Estão apenas preocupadas, pois o nosso lar passa por dificuldades.

- Ela fica em nosso quarto, dona Joana. Pode deixar.

Joana caminhou para a cozinha, já que o caso estava resolvido. O seu rosto, entretanto, refletia a situação atual. Entidades benfeitoras pouco ajudavam no momento. O Governo do Estado, há muito, havia esquecido-os. João, seu esposo, que ora se encontrava no trabalho, uma pequena fábrica que gerenciava, só voltava à noite, quem sabe com alguma novidade. A mulher deixa escapar a frase:

- Deus dará um jeito!

Setenta foi levada para um quarto onde se acomodou num velho colchão estendido no canto. Um travesseiro alto foi trazido e a velha mulher encosta-se à parede, suspirando o seu cansaço.

- Muito obrigada, meus amigos. Meu coração saberá amar a boa vontade de vocês.

- Qual é o seu nome? - indaga Magdalena. - Não é certo chamarmos a senhora de Setenta, como alguns já estão fazendo.

- O nome nada é, nada acrescenta ao brilho dos olhos de alguém. Maria ou Setenta, tanto faz.

E, depois de uma breve pausa, comenta:

- Como a vida é interessante: a cada amanhecer estamos conhecendo novas pessoas, novas situações. Nada é igual. Cada dia é como se fosse um novo parto de Deus.

Magdalena, Ritinha, Aurora e Godofredo, que dividem o quarto, entreolham-se, encabulados com a maneira de falar daquela mulher. Experiência, bondade e esperança parecem florir de sua voz suave.

- Descanse um instante, minha senhora. Daqui a pouco será o almoço e então teremos muito tempo pra conversar - diz Magdalena.

A velha deixa o corpo escorregar e encolhe-se junto ao travesseiro, segurando ainda a bengala, enquanto seus olhos trêmulos olham o péssimo estado das paredes e do teto daquele quarto.

*O nome nada é, nada acrescenta ao brilho dos olhos de
alguém.*

Cada dia é como se fosse um novo parto de Deus.

A infância da vida eterna

João chegou à noitinha, cansado do árduo trabalho e com ar de desânimo. Foi recebido, como de costume, carinhosamente, pela esposa que vinha enxugando as mãos numa toalha. Ela começava naquele momento a sua tarefa pós-jantar. O homem comenta:

- O jantar saiu hoje mais cedo, se não me engano.

- Precisamos conversar e eu quis desocupar-me um pouco antes - diz Joana. - Mas você parece muito abatido. Senta aqui no sofá. Eu lhe farei companhia.

- Mas, e o trabalho da cozinha?

- Neuza e Joana D'arc estão lá. Depois eu ajudo.

Encostado no sofá e segurando, com força, as mãos de sua esposa, João desabafa a sua preocupação:

- Nenhuma doação “né”, Joana? Também no trabalho ninguém me procurou. Os contatos que fiz não tiveram retorno. Desse jeito não podemos suportar por muito tempo. Já precisamos, outra vez, abastecer a despensa; e o senhor Manoel da farmácia me ligou mais uma vez hoje. É sempre assim: continuamos comprando remédios, mesmo com a ajuda dos laboratórios. Precisamos de novidades.

- Se a sua preocupação for por falta de novidades, eu tenho uma - graceja Joana.

- E qual é essa grande novidade? - diz João, deixando escapar um leve sorriso.

- A número setenta chegou. Uma velhinha de cabelos brancos, amparada por uma bengala. Amanheceu em nossa porta.

- Quem diria que chegaríamos a setenta! Ainda me lembro, como se fosse ontem, daquele grupo de velhinhos do nosso bairro quando começamos. Era enorme o meu entusiasmo...

Joana reprime o esposo:

- Você não está querendo dizer que já não se importa com os nossos velhinhos, não é?

- Claro que não, Joana. Estou querendo dizer que antes era muito mais fácil em razão do número reduzido deles. Mas agora, setenta...

A testa daquele bondoso homem enruga-se, revelando em seu semblante, além da preocupação, um ar de decisão.

- Vou pedir audiência com um representante do Governo. Eles podem ajudar a gente. O Estado passa por tempos difíceis, mas o nosso caso merece atenção. A parte social precisa ser prioridade.

E o sol, mais uma vez, amanheceu radiante, majestoso em seu trono, o infinito. No abrigo, a maior parte de seus moradores já se encontrava de pé. Deitar cedo e levantar cedo é o primeiro mandamento da velhice. Setenta saiu ao pátio, acompanhada por Magdalena que simpatizara com aqueles cabelos de seda, muito brancos, excessivamente brancos, mais que o normal. Magdalena dá início à conversa:

- Aqui é assim, Setenta... acho que também vou chamá-la de Setenta; notei que todos optaram por chamá-la assim. Como eu dizia, aqui tudo é igual: as mesmas coisas, as mesmas caras, as mesmas dificuldades. Cedo, o aquecer ao sol, o café da manhã; depois, o almoço, o cochilo da tarde, o jantar, o berço e, novamente, o aquecer ao sol do outro dia. Cada um de nós atento ao seu horário de tomar os remédios. É assim, dia após dia.

A mulher esboça um leve sorriso.

- A rotina da velhice não é fácil, porém dá-nos o tempo, a oportunidade de pensar, de refletir, o que nos possibilita compreender a vida e os seus mistérios. Os jovens, e não é culpa deles, correm em busca de tudo. Ávidos pelo prazer, pela vitória, põem-se numa constante busca, quase sempre sem objetivo concreto. É como participar de um jogo sem antes conhecer as regras, reduzindo, assim, a possibilidade de sucesso. Com o tempo é que passamos a ler o manual desse jogo. Na velhice temos respostas a todas as perguntas que fizemos a vida inteira.

- Pena, Setenta, que aí o tempo já é tão pouco pra usar esses conhecimentos, não é?

- Nada disso, minha amiga. Precisamos ver além do alcance de nossa visão. A velhice desta vida é a infância da vida eterna. Pense nisso...

Magdalena olha o céu, e uma nuvem que passava sorri, confirmando todas aquelas palavras.

Precisamos ver além do alcance de nossa visão.

A velhice desta vida é a infância da vida eterna.

A nota perdida

A velha mulher, no segundo dia naquele abrigo, notou, com interesse, uma de suas companheiras de quarto: Ritinha, que vivia falando baixinho, contando um maço de notas antigas, já fora de circulação. Depois de observá-la bastante, comenta com Magdalena:

- A dona Ritinha não se desprende ainda dos bens materiais.

- Infelizmente ela está caduca. Dá muito valor a essas notas. É comprar briga, tentar pegar uma delas.

- Eu gostaria de conversar com ela. Vamos até lá?

As duas senhoras caminham até um banco colocado numa das extremidades do pátio. Ali se encontrava Ritinha, uma velha baixa, gorda, de cabelos compridos e mal penteados. Contava, baixinho, a sua fortuna.

- Podemos sentar com a senhora? - pergunta Setenta.

A mulher para imediatamente de contar o seu dinheiro, junta tudo e guarda no bolso de sua velha blusa.

- Já que não se importa, eu vou sentar ao seu lado. Diga-me, dona Ritinha, quanto deu a conta? Quanto a senhora tem em dinheiro?

A mulher ergue os olhos, fixa longamente Setenta e responde:

- Você está querendo é o meu dinheiro. Eu sabia desde que chegou. Eu não vou dizer quanto tenho e não vou ficar mais no mesmo quarto que você. Vou pedir hoje mesmo à dona Joana pra mudar de lá. Você pode até me matar por causa do meu dinheiro.

- Não é nada disso - intervém Magdalena. - ela só lhe fez uma pergunta.

Com voz calma, porém firme, Setenta diz:

- Eu só perguntei quanto deu a conta, porque sumiu uma nota das minhas e eu acho que, ontem à noite, ela se misturou com as suas. Conta de novo pra ver.

Ritinha, encabulada, hesita um pouco, mas depois enfia a mão no bolso, tira o bolo de notas e recomeça a contar. Ainda mais uma vez, passa todas as notas e a seguir sorri estranhamente, como uma criança que tivesse sido pega fazendo uma arte. Enfim...

- É verdade. Está sobrando uma nota. É esta aqui. Não sei como não percebi antes. Toma, é sua. Não pense que eu a roubei, viu? Eu não ia roubar justamente uma das minhas colegas de quarto.

Com muito carinho, Setenta toca-lhe as mãos. Sua voz parece banhada em ternura:

- Fique com ela, minha amiga. Você a merece. Recebeu-me muito bem no abrigo, é uma companheira de quarto e, de hoje em diante, será uma das minhas melhores amigas, não é?

Ritinha sorri, junta a nota com as outras e recomeça a contar. Setenta, depois de sair acompanhada de Magdalena, comenta:

- Ela tem um bom coração. Afora o seu apego às notas, é uma boa alma. Prender-se ao dinheiro é o grande mal do ser humano. Precisamos ajudá-la a se libertar, um pouquinho só, dessa prisão.

Prender-se ao dinheiro é o grande mal do ser humano.

O brilho da luz do sol numa lágrima

O tempo, no asilo, passa monótono, vagaroso. Os ponteiros do relógio têm preguiça de andar. Todos que ali se encontram acompanham a sua cadência, estão acostumados ao seu ritmo. E apesar de haver muita gente por entre aqueles muros, sempre se encontra um lugar sossegado para... chorar. À tardezinha, antes do jantar, a uns trinta metros de Setenta e Magdalena que conversavam no pátio, um homem dirigiu a sua cadeira de rodas pra longe de todos e, há muito, nem se movia. Os olhos sempre fixos ao chão.

- Quem é aquele homem, Magdalena? Aquele da cadeira de rodas.

- O seu André? É um homem muito educado. Teve um acidente quando rapaz e não pôde mais andar. Não tem ninguém, somente nós.

- Ele está chorando. Vamos até lá?

As duas dirigem-se até ele no momento em que o sol coloria algumas nuvens mais inteligentes que, em busca de cores, acompanham sempre o entardecer.

- Seu André, precisamos de sua companhia. Estávamos nos sentindo sós e pensamos no senhor.

O homem enxuga, disfarçadamente, as lágrimas e ergue os olhos.

- Vai ser um prazer conhecer, de perto, a número setenta. Pressinto nascer em mim mais uma amizade. Sentem-se, por favor.

- Obrigada - diz Magdalena, sentando-se no banco próximo.

- O senhor é muito gentil - completa Setenta, sentando-se um pouco mais próximo de André, que logo volta a falar:

- Acho que sou eu, e não vocês duas, quem precisa de companhia. Muito obrigado.

- O senhor não parece muito contente com a vida - afirma Setenta.

- Às vezes a impossibilidade de andar faz correr as lágrimas, é só isso.

- Chorar é muito importante. As lágrimas são necessárias ao rosto como a chuva o é para as plantas. A face molhada, por um determinado tempo, perde sua rigidez, suas rugas, seu orgulho para dar lugar à amabilidade, à esperança, à humildade. Precisamos somente fugir dos momentos de tristeza, para que as lágrimas se mostrem mais nos momentos de alegria.

- Sem passos, Setenta, eu não posso fugir da tristeza. Sou uma presa fácil.

- Seu André, a melhor maneira de fugir da tristeza é andar sempre com a alegria. Olhe em sua volta, veja que belo entardecer! Infinitas razões de alegria a vida nos dá. O senhor não precisa andar muito pra ver o amanhecer, o pôr do sol, a lua, as estrelas. Todos os dias eles vêm até você. Seria muito pior se a natureza não pudesse andar.

O homem segura, pensativo, suas pernas, depois sorri. Setenta retribui:

- Veja que sorriso lindo! Você não pode deixar escondido o que tem de melhor. Prometa-me lutar pela sua alegria.

- Sabe, Setenta, a minha tristeza não é tanto por hoje. Já não preciso mais andar. Choro mais pelo tempo que perdi. Toda uma vida!

Como se a resposta já estivesse pronta, a mulher, imediatamente, fala:

- Enquanto seus pés estiveram parados, a sua alma andou ao encontro da perfeição. Isso é o que conta.

Foi dado o alerta para o jantar. André manifesta o desejo de conversar mais vezes com Setenta, agradece a companhia e sai. Magdalena, ainda sentada, comenta que ninguém ainda o tinha feito sorrir e pergunta à amiga:

- Mas como você sabia que ele estava chorando? Estávamos longe, não dava pra perceber.

Setenta sorri.

- Foi o entardecer. O sol fez brilhar uma lágrima que rolava em seu rosto.

*Chorar é muito importante. As lágrimas são necessárias
ao resto como a chuva o é para as plantas.*

*A melhor maneira de fugir da tristeza é andar sempre
com a alegria.*

*Enquanto os pés estão parados, a alma anda ao
encontro da perfeição.*

Um fantasma, com corrente e tudo

Deitar é uma coisa; dormir é outra. O sono demora chegar ao abrigo. Porém, ninguém levanta; é preciso paciência. Não se irritar com a insônia é o segundo mandamento da velhice. Claro que sempre há uma exceção. Aurora levantou assustada, puxando as cobertas de Magdalena.

- Você está ouvindo, Magdalena? Ele está lá no pátio. Passou agora, arrastando a sua corrente.

- Ele quem, dona Aurora? - indaga Setenta, sentando-se ao colchão.

- O fantasma lá do pátio. Ele voltou. Na verdade, eu acho que nunca foi embora. Vive escondido por aí.

A luz é acesa e Setenta propõe:

- Se ele existe, vamos lá conversar com ele. Deve estar precisando de nossa ajuda.

Aurora não aceita.

- Eu não tenho coragem.

- De que a senhora tem medo?

- Não sei. Ele pode fazer algum mal pra gente.

- Pense bem, dona Aurora, como existem homens bons e homens maus, existem também fantasmas bons e fantasmas maus. A senhora não pode fazer mau juízo do fantasma do nosso asilo, sem antes conhecê-lo. Vamos lá fora.

Aurora, que caminhava afobada de um lado para outro do quarto, para pensativa.

- Sabe que eu ainda não tinha pensado dessa maneira?
- Então vamos logo, antes que ele resolva ir embora.

Acompanhe-me.

Setenta sai, seguida por Aurora, Magdalena e Godofredo. Ritinha não se levantou. O pátio era iluminado apenas por duas lâmpadas, uma em cada extremidade, mas percebia-se que nada havia no local. Aurora comenta:

- Ele já foi embora, mais uma vez.
- Isso prova que é um bom fantasma; não quis atrapalhar o nosso sono. Não é preciso mais temê-lo - diz Setenta.
- A senhora acha?

- Eu tenho certeza. Ele já lhe fez algum mal ou a alguém do asilo? Então. Ele somente quer um espaço pra andar, arrastar a sua corrente. Decerto, por onde ele andava, reclamaram da sua presença e por isso veio pra cá. Se o temermos ou o tratarmos mal, ele acaba fugindo, e não podemos fazer isso.

- É, eu acho que a senhora tem razão... bom, agora vou deitar. Essa história me deu sono.

Acompanhada de Godofredo, que pouco falava, Aurora retorna ao quarto. Setenta, em companhia de Magdalena, fica um pouco mais no pátio, desfrutando do vento que acalentava suavemente o asilo. Os cabelos brancos da velha mulher dançavam aquela música num ritmo celestial. Um quadro de incomparável beleza. Magdalena rompe o silêncio:

- A senhora é diferente. Vive tentando ajudar todos por aqui...

- Talvez ajudar as pessoas seja a principal missão nesta vida, mas nem sempre percebemos. Pensamos só em nós e por isso fazemos muito pouco.

Magdalena fica em silêncio por alguns instantes, como se guardasse para si aquelas palavras, depois pergunta:

- Por que a senhora, como todo mundo, não disse a ela que fantasmas não existem?

A resposta não demora muito tempo:

- Não ia adiantar. Como todo mundo, ela crê que eles existem. Por enquanto já é grande progresso não temê-los. Na ausência do medo, daqui a algum tempo, os fantasmas vão passar sem serem notados.

Talvez ajudar as pessoas seja a principal missão nesta vida, mas nem sempre percebemos.

Na ausência do medo, em pouco tempo, os fantasmas passam sem serem notados.

Talento

A bondade e o amor ao próximo existem em todo coração; ninguém nasceu sem eles. A única diferença é que, em alguns corações, eles existem de forma mais acentuada. Talento! Essa é a palavra. O pintor, quando materializa os seus quadros, diz-se que é talento; o poeta, quando escreve os seus “achados”, diz-se que é talento. O homem, quando faz florir a alegria, através da bondade e do amor ao próximo, pode-se dizer que é talento, um talento muito especial. João chegou do trabalho, recebido, como sempre, por sua esposa. O jantar acabava de ser servido e o homem quis aproveitar o momento em que todos estavam reunidos para conversar com eles. Isso era sempre feito quando existia alguma novidade. Joana bate leves palmas chamando a atenção, e os olhares viram-se todos para o lado da cozinha, de onde vinha o casal.

- O meu esposo quer falar com vocês.

João chega bem perto das rústicas mesas e, com voz calma, como se falasse com seus filhos que, infelizmente, o casal não tinha, diz:

- Desculpem-me, mais uma vez, interromper o jantar de vocês. Porém esse é o momento em que todos, ou quase todos, estão reunidos. Preciso colocá-los a par de nossa situação e fazer-lhes alguns pedidos. Sei que é impossível esconder de vocês as nossas dificuldades, mas quero dizer que estou tentando falar com o Governo pra pedir alguma ajuda. Já somos setenta e o órgão da Assistência Social precisa nos olhar com mais carinho. Só que uma audiência assim leva tempo e até lá precisamos fazer algumas economias. Então

eu queria pedir pra economizarem o máximo que puderem a nossa água e a nossa energia. A entidade que paga pra nós vai continuar pagando, mas reclamou do alto preço. Quanto aos remédios, o seu Manoel, da farmácia, cortou a conta até fazermos o pagamento. É difícil economizar nesse sentido, mas precisamos tentar. Queria, também, que perdoassem a mim e à minha esposa, se a alimentação já não está tão rica; é que não conseguimos ainda o dinheiro pra reabastecermos a despensa. Acho que logo a situação irá mudar, mas até isso acontecer eu queria contar com a compreensão de todos. Muito obrigado.

Os velhinhos entreolharam-se enquanto o casal se dirigia à extremidade de uma mesa. Lá estava Setenta, que também fazia a sua refeição. A velha mulher apoia-se em sua bengala, tentando levantar, quando uma leve mão toca o seu ombro.

- Não é necessário se levantar, minha senhora. Vim apenas conhecê-la. Já se faz alguns dias que está no abrigo e a falta de tempo não havia permitido ainda uma oportunidade pra trocarmos algumas palavras. Quero dizer que é uma alegria tê-la conosco. Pena que a senhora chegou num momento tão difícil. Mesmo assim, seja bem-vinda.

Setenta diz.

- Tenho certeza de que a sua bondade e o seu amor não vão passar despercebidos aos olhos de Deus. Sei também que Ele nos indicará o caminho à solução. O senhor só não pode deixar apagar esse brilho de esperança que existe em seus olhos. Todos aqui dependemos dessa luz.

- Minha esposa falou-me tão bem da senhora e agora vejo a razão. Mais uma vez seja bem-vinda. Termine a sua refeição.

- Muito obrigada.

O casal afasta-se, seguido pelo olhar da mulher. Magdalena aproxima-se enquanto cresce o coro das vozes dos velhinhos, que comentavam a situação.

- Viu como a coisa está difícil? Se o Governo não nos ajudar, estamos perdidos.

- Tenha calma, Magdalena. Tudo vai se resolver.

- É a primeira vez que o seu João nos pede pra fazermos economia.

- É por pouco tempo. Logo voltará ao normal.

Aurora chega um pouco mais assustada.

- É verdade, Magdalena, que o asilo vai fechar e nós vamos ser mandados embora?

- Quem falou isso? - indaga Setenta.

- Todos estão falando. Nós vamos ser mandados embora.

- Não é nada disso, dona Aurora. O pessoal é que está complicando tudo. Isso não vai acontecer.

Magdalena intervém:

- O difícil vai ser convencer todo mundo. Veja só:

O desânimo havia abatido todos no asilo. Ninguém terminou a refeição. Os comentários haviam cessado, dando lugar à tristeza. Alguns até já secavam algumas lágrimas mais afoitas. Setenta toca duas vezes a mesa com sua bengala. Os rostos são erguidos e, num instante, a atenção é toda dela.

- Podem desfazer as rugas de suas testas. Não há motivo pra tanta preocupação. O ser humano traz consigo o costume de aumentar as dificuldades e dar razão às tristezas. Um bobo costume que o mantém sempre distante da felicidade. O momento requer cuidados e não desespero. Precisamos estar lúcidos para, juntos, mudarmos a situação. Quando se é jovem

é compreensível não confiar em Deus. Porém nós, que já sabemos do impossível que Ele faz, não podemos desanimar frente às dificuldades. Façam a economia pedida, tenham confiança e rezem ao nosso Deus. Acreditar no sol que vai nascer é nascer junto com ele.

Após essas palavras, Setenta vira as costas e, apoiando-se em sua bengala, caminha em direção ao seu quarto. Seu alegre semblante parece medir a esperança que conseguiu colocar nos olhos de cada um.

O ser humano traz consigo o costume de aumentar as dificuldades e dar razão às tristezas.

Quando se sabe do impossível que Deus faz, não se pode desanimar frente às dificuldades.

Acreditar no sol que vai nascer é nascer junto com ele.

A fé e o medo

Naquela noite, Setenta recebeu, em seu quarto, uma visita. Aparecida, buscando conselhos, veio falar com ela.

- A senhora parece ter uma visão melhor da vida, e eu, que ainda não consegui entender grande parte dela, queria falar com a senhora.

- A vida é simples para quem é simples. Nós é que a complicamos. Sente-se. Serei feliz se puder ajudá-la.

A mulher senta na cama de Magdalena, olha nos olhos dos seus amigos, mas a voz que todos esperavam não veio. Um soluço e as mãos levadas ao rosto retratam o seu desespero. Setenta toca-lhe as mãos.

- Pode falar, minha amiga. A partir de hoje o seu problema será menor, pois você, desabafando, vai reparti-lo com todos nós.

A voz vem rouca, tirando do fundo da alma a sua grande amargura.

- Meu filho! A senhora precisa ajudar o meu filho. Ele se perdeu nesse cruel mundo das drogas. Isso agora parece moda entre os jovens. Ele tem vinte e três anos e, se continuar assim, vai morrer ainda uma criança. Ajude-me, pelo amor de Deus!

- Vou fazer o possível pra ajudá-la, dona Aparecida. Mas não deixe a tristeza dominar totalmente o seu viver. A senhora precisa de esperança e a esperança não gosta de olhos tristes.

- Só voltarei a ter alegria quando meu filho se livrar das drogas. Coitadinho, está tão magrinho! Quando vem me visitar, vive escondendo de mim os braços machucados pelas seringas...

- Por que a senhora não mora com ele? - pergunta Setenta.

- Eu casei bem tarde e tive apenas esse filho. Quando meu marido morreu, deixou muitas dívidas e ficamos sem nada, nem lugar pra morar. Sérgio, meu filho, que completava dezoito anos, foi para o Exército e eu vim para o abrigo. Havia a esperança de que, quando ele retornasse, a gente pudesse começar uma nova vida, mas o meu filho se envolveu com as drogas, não quis morar comigo e não me deixou sair daqui. Vivo morrendo, pensando nos perigos e nas dificuldades que ele passa. Vim pedir a sua ajuda, mas acho que ninguém pode me ajudar.

- Eu sei de alguém que nunca se esqueceu de você e de seu filho; alguém que é capaz de retornar a alegria ao seu rosto. Este é Deus. Quando Sérgio vier visitá-la, chame-me e eu farei o possível pra fazer real a vontade de Deus.

- Muito obrigada, Setenta. O meu medo, sempre que ele aparece pela última vez, é de que nunca mais volte.

- O seu filho voltará. Acredite nisso. A fé nunca pode ser menor que o medo. Agora vá para o seu quarto, ore e acredite.

A vida é simples para quem é simples. Nós é que a complicamos.

Não deixe a tristeza dominar totalmente o seu viver. A esperança não gosta de olhos tristes.

A fé nunca pode ser menor que o medo.

As leis da impossibilidade

Era domingo no asilo. Um dia que só não é como os outros por uma diferença: é dia de ir à missa.

- Ei, Cesarina, você vai ou não vai?

- Claro que vou. Não precisa tanta pressa. Agora que são seis horas.

- E o seu Henrique? Quem leva?

- Eu levo. Pode deixar comigo.

Há uma igreja perto e, aos domingos, ela ganha nova vida, nova cor. Mais ou menos a metade dos velhinhos, que chegam sempre primeiro e ocupam as primeiras filas, entoam cantos no ritmo e na força de sua fé. Cadeiras de rodas de alguns já impossibilitados de andar enfeitam os corredores. As imagens suspensas nas paredes se alimentam daquela vitalidade e parecem sorrir. A reflexão do sacerdote quase sempre se volta para a questão do idoso e do exemplo de vida que representa. Do início ao final, a missa tem um toque de emoção, um tempero de ternura. A volta é sempre calma e meditativa. Os livros e folhetos ainda são manuseados.

- Setenta, leva o seu Henrique um instante pra mim. Quero ver a segunda parte do Hino da Celebração.

Uma gélida mão foi-lhe dada e um senhor alto, magro, de óculos escuros passa a caminhar ao seu lado. Seu rosto estático e virado para frente era incomodado por duas lágrimas que teimavam correr além dos aros dos seus óculos, imediatamente enxugadas por sua mão esquerda. Setenta, que já havia demonstrado aversão às lágrimas de tristeza, intervém:

- Deus não gostará de saber que um filho seu saiu tristonho de sua própria casa.

- Eu queria tanto ver a igreja! Deve ser tão bonita; todos falam sempre de sua beleza. Era o que mais queria na vida.

- Nada é impossível. Se o senhor quer de verdade, vai conseguir.

- Você deve estar brincando, Setenta. Eu não posso mais ver. Perdi a visão há vinte anos.

A mulher disse:

- Os seus olhos são perfeitos. São lindos! Nem sei por que o senhor usa óculos escuros.

- Somente um olho é perfeito. O outro apenas parece ser.

- Então por que não vê? Um olho só é o bastante.

- Na época era preciso um tratamento. Só que muito caro e eu não pude fazer. Hoje isso já nem deve ser mais possível.

- Sabe, seu Henrique, esse seu pessimismo é que não o deixa enxergar. O senhor precisa mudar a sua maneira de pensar. Precisa, pelo menos, ver a sua esperança. Ela existe! Quando conseguir, estará a um passo de ver também toda a beleza da nossa igreja.

- Não é fácil, Setenta.

- Prometa-me, pelo menos, que vai tentar.

O homem balança a cabeça positivamente, enxugando a última lágrima que descia. Setenta ainda completa:

- O maior erro do ser humano é obedecer às leis da impossibilidade. Elas não devem constar no livro de nossa vida.

Ele segura, com mais força, a mão da mulher, como forma de agradecimento e assim seguem até ao asilo.

- Onde o senhor quer ficar?
- No meu quarto, por favor. É o terceiro à direita, depois do corredor de entrada. Dudu e Amarildo fazem-me companhia.

Nada é impossível. Se você quer de verdade, vai conseguir.

O maior erro do ser humano é obedecer às leis da impossibilidade. Elas não devem constar no livro de nossa vida.

Esperar: em último caso

Sentados numa cama, estavam os dois companheiros de quarto de Henrique, que agradeceram e convidaram Setenta para entrar. A mulher acha no canto um tamborete, que arrasta e, firmando em sua bengala, senta-se.

- Desculpe não termos buscado o tamborete pra você. Na velhice, o corpo não responde mais aos impulsos de cavalheirismo.

- Esse é o Amarildo - diz Henrique.

Setenta responde:

- É facilmente compreensível, seu Amarildo. Mas, pelo que pude notar, os dois não quiseram ir à missa hoje...

Dudu quem responde:

- É a velhice mais uma vez. Não amanheci muito bem e Amarildo ficou fazendo-me quarto.

Amarildo observa:

- Parece-me que a sua companhia fez bem a Henrique. Ele se mostra mais animado.

- A esperança e as boas palavras precisam ser cultivadas. Só isso.

- Então eu também estou precisando aprender esse modo de vida.

- Algum problema, seu Amarildo?

- A espera! Somente a espera! Não chega a ser problema.

- Esperar não é fácil. Por isso deve ser feito em último caso. Nunca se deve acomodar à espera se ainda há uma chance de busca. Mas, qual é o motivo da sua espera?

- Chegou-me uma carta de minha filha, minha única

filha, que há um ano casou-se e, por razão de viagens e a nova casa, não me pôde levar consigo. É o motivo pelo qual estou aqui no asilo. Na carta ela diz que vem me ver. Estou esperando a sua chegada. Sei que vai me levar de volta.

- É a primeira vez que ela vem te ver, em um ano?

- São os seus compromissos sociais. Ela se casou com um homem muito rico e assim o seu tempo ficou totalmente preenchido com essas formalidades. Ela explicou tudo na carta. É a segunda que me escreve. A primeira escreveu-me da Europa, quando da sua lua de mel.

Setenta entende a gravidade da situação, entretanto sabia que, no momento, pouco podia fazer.

- Seu Amarildo, compreendo a sua ansiedade, porém não se esqueça disso: a espera traz alegrias e tristezas. É preciso estar preparado para os dois casos. Não quero trazer preocupações para o senhor, mas precisamos ouvir o bom senso peculiar à nossa idade.

- Muito obrigado pelo alerta, Setenta; porém, espero que ele tenha sido desnecessário.

- Vamos torcer pra isso, seu Amarildo. Bem, meu quarto me aguarda. Boas melhoras, seu Dudu.

A esperança e as boas palavras precisam ser cultivadas.

Nunca se deve acomodar à espera se ainda há uma chance de busca.

O número que faltava

Setenta caminha pelo asilo, observando os rostos de seus companheiros nas portas dos quartos, escorados às paredes, sentados nos tamboretos. A missa dominical fez bem. Há um leve brilho de amor à vida nos olhos de cada um, fazendo-os superar, momentaneamente, os seus problemas. Ela sabe que esse brilho vai durar por mais algum tempo, e isso é bom. Mas, como Dudu e Amarildo, mais alguém não foi à igreja. Alguém que continua submerso em seus afazeres, em suas preocupações.

- Não, o trinta e dois saiu a semana passada; o noventa e seis não combina; quarenta? Não sei. E o pior, não há nenhuma razão para o dezessete. Meu Deus, como vou fazer? Quem sabe...

E assim passou por Setenta a exótica figura de uma mulher, falando sozinha, olhando para os lados, à procura de um número perdido. Apesar de sua idade avançada, era ainda forte. Seus passos, largos e sua voz, alta. Nesse exato momento, chega Magdalena.

- Quem é aquela senhora, Magdalena?

- A de cabelos amarrados? É a “Das Graças”. Maria das Graças. Adora apostar na loteria. Está sempre buscando motivos pra juntar os seus números a cada semana.

- É, realmente ela passou por mim contando diversos deles.

- Vive sonhando a coitada...

- O sonho é como o ar e a água. Em sua ausência não há vida. Mas, fiquei curiosa. Vamos falar com ela?

Quando as duas caminham em sua direção, ela já está de volta e ao ver Magdalena alegra-se.

- Magdalena! Vai ajudar esta semana? Eu ainda não tenho o dinheiro.

- Dessa vez não vai dar, Das Graças. Não vendi um só tapete ainda. Talvez na semana que vem...

- Estou enrolada. Amanhã é dia de apostar e eu ainda não tenho o dinheiro. E o pior, falta-me um número. Estou procurando, mas não sei onde encontrá-lo. O vinte e sete e o setenta e dois já estão certos. Vinte e sete dá segunda-feira. É o aniversário da Beth, que faz setenta e dois anos. O trinta e um também. É o número das pessoas que foram à missa hoje. O oitenta e cinco...

- Um momento, Das Graças - interrompe Magdalena.
- talvez a minha amiga Setenta possa te ajudar.

- Setenta !!! É setenta! Encontrei o número que faltava. Setenta, o nome da mais nova componente do asilo. Muito obrigada, Setenta, agora tenho certeza de que vou ganhar. Só falta arranjar o dinheiro. Setenta! É setenta mesmo! Como não pensei antes?

Fazendo gestos e falando alto rapidamente se afasta, sem dar oportunidade a Setenta de pronunciar uma palavra. Magdalena comenta:

- Não estranhe, minha amiga. Ela é assim mesmo. Toda semana escolhe os números e nós a ajudamos com o dinheiro. Tem fé de que, um dia, irá ganhar.

- Eu queria muito ter falado com ela, mas não foi possível.

- Qualquer hora você consegue; há momentos em que está mais calma.

O sonho é como o ar e a água. Em sua ausência não há vida.

Arestas de tristezas

Os dias passam e, no asilo, quase nada se modifica. A saudade, por exemplo, é um sentimento constante no olhar cansado de cada um. A infância, a mocidade de seus moradores vivem vagando ao lado da velhice pelos corredores. A vida vai passando e aquelas idosas criaturas vão levando, com coragem, a vida. Suportar a saudade é o terceiro mandamento da velhice. Porém, há casos em que esse sentimento tem motivos mais fortes para existir; há momentos em que ultrapassa os limites da resistência. Numa linda manhã, uma senhora, sentada em um tamborete, costas viradas para o sol, escondia a sua saudade com o rosto entre as mãos. Setenta aproximou-se para dar um pouco do seu calor humano, já que o sol, sozinho, não conseguia secar aquelas lágrimas que caíam. A mulher se chamava Benedita e ergueu o rosto ao notar aquela presença. As rugas, amassadas por suas mãos, retomaram, lentamente, o aspecto normal. Setenta inicia o diálogo:

- Os motivos de uma lágrima são infinitos, mas parece-me que a saudade está por trás do brilho apagado dos seus olhos...

- Há dezoito anos ela faz parte de minha vida. Tenho sessenta e cinco anos e a saudade parece não respeitar a minha idade; aumenta um pouquinho a cada dia.

- A saudade precisa existir. A vida é vazia sem a sua emoção. Mas, qual é o motivo da sua tristeza?

- O destino levou o que eu tinha de mais precioso. Everaldo, meu filho, que tentando mudar a nossa péssima

situação econômica, partiu para o garimpo. Nunca mais voltou. Por alguns anos, soube de sua presença em lugares distantes; depois as notícias se foram. Tenho medo de que tenha morrido, pois ele não iria se esquecer de mim...

E, mais uma vez, as lágrimas correm naquele rosto. Setenta, com seu lenço de bondade, tenta enxugá-lo.

- Olha, a senhora tem todos os motivos do mundo pra estar assim. Não é nada fácil conviver com a ausência de uma pessoa querida, mas todo sofrimento não deve ultrapassar, uma lágrima só, os limites da razão. Vamos pensar... se o seu filho resolveu partir para o garimpo, foi escolha dele. Seu instinto de aventura foi quem decidiu. Poderia trabalhar por aqui mesmo, não é verdade? Então ele deve estar bem, deve estar sentindo-se bem apesar da saudade que, certamente, também o atormenta. Sabe, Deus deixou infinitos caminhos pra gente seguir; cada um escolhe o seu. Cabe à senhora rezar e torcer por seu filho. E eu sei que, mais do que tê-lo aqui consigo, quer vê-lo feliz...

Benedita enxuga mais uma lágrima, que parecia ser a última, e faz correr seus olhos no infinito, como que analisando as palavras de Setenta. A bondosa conselheira aproveita aquele momento para alentar um pouco mais a pobre mulher.

- O mais importante de tudo é saber que a senhora não pode estar com ele, mas Deus está, e Ele nunca esquece um filho. Sabe o que mais? Seu filho ainda pode voltar do garimpo, no dia em que compreender que a sua pedra mais preciosa está aqui no asilo.

- Mas, e se ele já morreu? - diz, com muita tristeza, a mulher.

- Se ele morreu, não há mais nenhum motivo para a sua preocupação. Aí, ele estará com Deus, distante dos problemas da vida e das maldades dos homens.

Um leve sorriso brota daquele rosto molhado.

- Obrigada, Setenta. Eu estava precisando ouvir tudo isso. Muito obrigada.

- Não é só pra ouvir. Precisa também pôr em prática. As palavras se tornam mais fortes quando se materializam.

Estendendo uma das mãos, Setenta ajuda a mulher a se levantar.

- E não se esqueça: a saudade pode ser infinita; as lágrimas devem ser aparadas.

E juntas seguiram, lentamente, pisando arestas de tristezas espalhadas no chão do asilo.

*A saudade precisa existir. A vida é vazia sem a sua
emoção.*

*Todo sofrimento não deve ultrapassar, uma lágrima só,
os limites da razão.*

*As palavras se tornam mais fortes quando se
materializam.*

*A saudade pode ser infinita; as lágrimas devem ser
aparadas.*

A colecionadora de estrelas cadentes

No quarto de Setenta, dividido com seus quatro companheiros, uma cena interessante se desenrola numa certa manhã.

- Pode virar para o canto, Godofredo, que eu vou trocar de roupa.

Era a voz de Magdalena, que se preparava para o café da manhã. Godofredo, ainda deitado, virou-se para o canto da cama, como de costume. Setenta, que já havia assistido à cena outras vezes, comenta:

- Só curiosidade. Não tenho nada contra. Por que o Godofredo dorme no nosso quarto, se os homens têm aposentos separados das mulheres? Godofredo é o único que foge à regra.

Magdalena sorri e explica enquanto vestia uma velha blusa:

- Acho que ninguém sabe o motivo. Ele chegou ao asilo pouco tempo depois de mim. Um mês mais ou menos. Naquele tempo éramos eu e dona Aurora; depois é que dona Ritinha chegou. Estava faltando aposentos para os homens e eu ofereci o nosso quarto. Depois disso, nos acostumamos e, mesmo dona Joana propondo, nós preferimos que ele ficasse aqui. Dona Aurora foi quem gostou da sua chegada, por causa dos fantasmas.

Godofredo, virando-se, graceja:

- Ê, mas parece que os fantasmas não tiveram medo

de mim. Ainda andam por aí arrastando as suas correntes.

Nesse momento, entra uma linda moça com uma bandeja nas mãos, trazendo leite, pão e ainda um pequeno vidro de remédio. O sorriso brilhava no rosto moreno. A bandeja era, cuidadosamente, carregada fora do alcance dos seus cabelos longos.

- Bom dia. Tá na hora do café lá na cantina. Eu trouxe o da dona Ritinha, já que ela não se encontrava muito bem ontem. Não é, dona Rita? Trouxe o seu remédio também; é só tomar e a senhora vai ficar boa.

Depois de dar o remédio para a mulher e certificar-se de que ela tomou o copo de leite, a moça sai. Setenta dirige-se à Magdalena:

- Gostaria de saber mais sobre essa doce criatura. Cuida, com tanto carinho, de todos nós...

- Bom, já falei pra senhora que se chama Alice. Tem só dezenove anos; veio pra cá há dois anos por causa de uma desilusão amorosa. Ajuda a dona Joana sem receber nada em troca. É ela quem cuida da farmacinha do asilo. Seus pais não são ricos, mas nada lhe faltava em sua casa. Uma vez por mês, mais ou menos, vai visitá-los. De vez em quando eles também vêm aqui, quase sempre pra levá-la de volta. E é só. Ah, a dona Joana faz tudo pra ela retornar, mas ela não quer.

Depois do café da manhã, um carro parou em frente ao asilo. Alice se dirigiu ao portão, abraçando um casal que chegava. Depois de alguns minutos de conversa, o carro se foi. A moça escorou-se na parede, fechando o portão. Setenta, que acompanhou a cena, foi falar com ela. Alice tinha os olhos fixos ao chão, como que procurando uma resposta para os seus problemas entre as pedrinhas que

dormiam em pequenos leitos de terra. Ao ver os pés da mulher que chegava, volta à realidade.

- Setenta!

- Sou eu, minha filha. Você estava muito distante de nós...

- É... meus pais... vieram me buscar de novo. Querem que eu volte. Fizeram uma nova decoração em meu quarto...

A moça, num soluço, abraça-se a Setenta que, carinhosamente, toca-lhe os cabelos.

- Por que você não volta, minha filha? Todos nós aqui precisamos de você, mas os seus pais precisam mais.

Alice afasta-se um pouco, rompendo os laços mágicos daquele abraço.

- Não, eu não posso voltar. Assim, voltaria a conviver com os mesmos problemas; voltaria a ver as mesmas pessoas. E eu não quero isso.

Setenta segura-lhe os ombros, fazendo-a olhar em seus olhos.

- Você está parecendo uma velha igual a nós. Uma velha de dezenove anos. As pessoas, quando não são mais capazes de resolver os seus problemas, de lutar pelos seus ideais, quando já estão atrapalhando em vez de ajudar, se refugiam ou são mandadas para asilos. O homem, minha querida, não consegue viver se não estiver participando, construindo, inventando, tropeçando em tristezas e alegrias. Só o que você faz aqui no asilo é muito pouco diante da sua capacidade. Um pequeno caso de amor não te envelheceu tanto assim.

- Não foi um pequeno caso de amor. Eu gostava muito dele; até que ele se casou e foi morar no nosso bairro. Eu não podia ficar lá...

- O problema, na realidade, não é onde ele foi morar. É a desilusão. E você ainda não aprendeu a conviver com ela. Desilusões são como estrelas cadentes, que nunca se firmam no céu; vão e vêm enfeitando a noite. Sem as desilusões, a vida seria monótona. O céu seria sempre o mesmo; a gente poderia decorar o lugar das estrelas, uma a uma. As desilusões chegam de repente, sem a gente saber de onde, e partem rapidamente, tão rapidamente que se não estivermos atentos, não as vemos. Na sua idade, elas vêm e vão mais depressa ainda. Agora, há pessoas que colecionam coisas e se prendem a elas o resto de suas vidas. Algumas colecionam selos; outras, revistas. Existem também aquelas que colecionam estrelas. Você é uma colecionadora de estrelas cadentes.

A moça abaixa os olhos, fitando, novamente, as pedrinhas no chão. Setenta propõe:

- Que tal voltar e estudar, conhecer novas pessoas, novos amores, novas desilusões?

Alice sorri:

- É, Setenta, eu vou pensar um pouco mais.

- Pense, minha filha, pense. E não se esqueça de que a alegria que você dá a nós do asilo é roubada dos seus pais que também querem você com eles.

Dona Joana chega naquele instante.

- Estou observando vocês duas há tempo. Do que é que falam?

Setenta explica:

- É sobre Alice que está pensando em conhecer a nova decoração do seu quarto, não é Alice?

Elas sorriem, contam o caso a Joana e voltam aos seus afazeres.

*O homem não consegue viver se não estiver participando,
construindo, inventando, tropeçando em tristezas e
alegrias.*

*Desilusões são como estrelas cadentes, que nunca se
firmam no céu; vão e vêm enfeitando a noite.*

Só o amor é eterno

O sol da tarde, dia após dia, encontra o asilo num profundo silêncio. Ninguém no pátio e nos corredores. A maior parte das pessoas está embalada pelo leve sono da sesta. Os tamboretos se escondem nas poucas sombras que restam; quase sempre sozinhos. Na cozinha, o trabalho pós-almoço já foi terminado e nenhum barulho de pratos e colheres. O vento que toca as poucas árvores do lugar é calmo e não bate; acaricia as folhas, respeitando o horário de descanso dos velhinhos. Uma exceção ao silêncio. De vez em quando...

- Nininho...

Num dos quartos, quatro mãos, preocupadas com a situação econômica do asilo, trabalham na confecção de tapetes para serem vendidos na feira aos domingos.

- Quem está gritando?

- É a Cândida, Setenta. Aquela do quarto ao lado.

- O que ela está falando, Magdalena?

- Está chamando um gato. Vou te contar a história.

Cândida veio para o asilo trazendo um gatinho branco. Gostava muito dele. Vivía dia e noite com o animal nas mãos. Depois de algum tempo, o gato começou a sumir de vez em quando. Ela ficava desesperada chamando por ele.

- Nininho...

- Assim ó! Como agora - Magdalena sorri com a coincidência. - até que um dia ele sumiu pra valer e a pobre mulher ficou assim, “baratinada” com a ausência do bichinho. Agora vive gritando o nome dele por aí. E já faz mais de ano.

Tem época que para; depois volta a gritar o seu “Nininho”. Já arrumamos outro gato pra ela, mas ela não quis.

Setenta escora-se em sua bengala, levantando-se da cadeira em que estava.

- Você não importa se eu parar um pouquinho pra falar com ela, não é?

- Claro que não. Você é quem está me ajudando. Antes eu fazia os tapetes sozinha.

A mulher passa pela porta, parando logo em seguida; o tempo necessário para sua já fraca visão acostumar-se aos fortes raios do sol. Depois de caminhar pelo pátio, chega à horta que os próprios velhinhos plantavam e cuidavam, sob a orientação de Joana. Encostada numa tela, que desse lado do asilo cercava o terreno, estava Cândida com os olhos no fim da rua que passava por ali.

- Nininho...

Setenta toca a tela e diz:

- Ele ainda não voltou, não é?

A mulher assusta-se. Não esperava aquela presença.

- O que foi que você disse?

- Eu disse que ele ainda não voltou, não é verdade?

Ela desvia, novamente, seus tristes olhos para a rua.

Depois murmura:

- É, ele não voltou ainda. Não sei o que anda fazendo. Se estivesse só namorando, já teria voltado como das outras vezes.

- Faz tempo que ele saiu?

- Saiu ontem o bichinho. Está atrasado para o almoço.

Deve estar com fome, muita fome.

Setenta vê que o caso é mais grave do que pensava ser. Olhando também para a rua, faz outra pergunta:

- Você já pensou se ele não voltar mais?

- Não! Ele vai voltar. Eu sei que vai.

- Seria bom se você começasse a pensar nisso. Quem sabe ele arranjou uma companheira e quis construir a sua própria casa. Pode ser, não pode?

Cândida vira-se para Setenta.

- Não, eu acho que não. Se ele fizesse isso, teria vindo despedir-se de mim.

- Eu acho que ele não quis magoar você, já que gosta tanto dele assim.

A estranha mulher pensa um instante, depois sorri.

- Pode ser. Pode ser mesmo. Ele não quis me magoar; só pode ser isso. Assim ele mostrou que gosta de mim, não foi?

Setenta também sorri.

- Claro que sim. Ele também te adora. Eu apenas acho que você deve parar de chamá-lo. Não precisa deixar de gostar dele. O amor que você tem ao gato é lindo; nunca deve morrer. Só que os animais, as pessoas se vão. Temos que ser capazes de entender isso. Devemos amar sabendo que um dia vamos perder tudo o que amamos. Nada dura para sempre; só o amor é eterno.

Depois de ouvir atentamente o que Setenta disse, a mulher balança a cabeça positivamente, concordando com as suas ideias. Em seguida vira-se para a tela, repetindo a frase:

- Ele não quis me magoar... não quis me magoar...

Setenta, sentindo que já havia dado a sua contribuição, afasta-se aos poucos. Já no fim do pátio, perto da porta do seu quarto, para sua surpresa, ouve:

- Nininho...

Devemos amar sabendo que um dia vamos perder tudo o que amamos. Nada dura para sempre; só o amor é eterno.

Olhos que falam alto

As mãos foram dadas, formando uma corrente de fé e agradecimento que se estendia em volta das grandes mesas do local. Os rostos, abaixados, demonstravam lealdade e respeito ao Deus da Eternidade. Era a costumeira oração que antecedia a todas as refeições no asilo. Joana deixa seu coração falar por ela:

- Queremos, todos nós, agradecer ao Senhor por esta refeição e, mais ainda, pela oportunidade de estarmos aqui reunidos. Queremos dizer que, mesmo diante das dificuldades que enfrentamos, não vamos nos esquecer do amor que temos e afirmar que a nossa esperança será maior a cada dia. Amém!

- Amém! - todos respondem.

O jantar começa a ser servido. Depois de alguns minutos, Setenta nota Joana se afastar com um prato de comida em direção a um homem que se encontrava sentado num dos bancos do pátio, o banco mais distante dali, perto da horta. Comenta com sua amiga Magdalena:

- Parece-me que aquele senhor faz as suas refeições sempre ali naquele banco, longe das pessoas, não é?

- É verdade. É o seu Pereira. Está sempre longe dos outros. Não conversa com ninguém; nem com seus companheiros de quarto. Aliás, se pudesse, ele teria um quarto só pra si.

- Ele foi sempre assim?

- No início, não. Era até muito conversador, além de ser bastante inteligente e ajudar todo mundo. Dizia que tinha vindo para o asilo por sua própria escolha. Achava aqui mais calmo, mais sossegado, sem barulhos. Depois nós descobrimos que foi sua família que o havia mandado pra cá. Surgiram

alguns comentários e ele passou a se comportar assim.

- Por certo está precisando de ajuda. Vou tentar falar com ele - diz Setenta.

- A senhora é quem sabe, mas ele não conversa mesmo com ninguém. Desculpe-o, se não lhe der atenção.

Enquanto Magdalena se serve, a mulher caminha em direção ao pobre homem. À medida que se aproxima, Pereira vai virando-lhe as costas. Com voz suave, expressando a mais nítida bondade, a mulher fala ao seu coração.

- Não me leve a mal, seu Pereira, por interromper um instante o seu horário sagrado da refeição. Nós não tivemos ainda a oportunidade de conversar, mesmo vivendo juntos no mesmo abrigo, e eu quis aproveitar esse momento que não tem ninguém por perto pra dizer que eu preciso de sua ajuda...

Durante a breve pausa de Setenta, o homem que, sentado de costas para ela, havia-se inclinado sobre o prato de comida, levanta levemente a cabeça mostrando sua face esquerda. O olhar, surpreso com aquele pedido.

- É isso mesmo, seu Pereira. Eu estou muito preocupada com a situação da nossa casa. O senhor mesmo ouviu o alerta do seu João pra fazermos economia. Vim falar com o senhor porque me disseram que sempre teve boas ideias e que gosta de ajudar todo mundo. Quem sabe, na sua cabeça, brilhe uma luz que possa nos levar a ganhar algum dinheiro pra ajudar na farmácia e na alimentação. Podemos contar com o senhor?

O homem olha rapidamente aquele bondoso rosto. Sua voz não sai, mas seus olhos falam alto respondendo aos anseios da mulher. Depois de alguns mágicos segundos de silêncio, Setenta finaliza:

- Muito obrigada. Eu sabia que podíamos contar com o senhor. Quando tiver alguma sugestão me diga, antes que a situação fique pior ainda.

Setenta toca-lhe o ombro e sai. Os olhos da mulher ainda

disseram da vontade de vê-lo junto aos outros novamente. Esse, na verdade, era o seu verdadeiro pedido. No caminho de volta à área de refeições, diz baixinho para si mesma:

- Os olhos falam sem rodeios, sem omissão de palavras.

Os olhos falam sem rodeios, sem omissão de palavras.

A energia que dirige o mundo

Passaram-se alguns dias. João teve a sua audiência com o representante da Assistência Social e só recebeu promessas. Enquanto isso, Setenta pensava numa maneira de ganhar algum dinheiro, sempre preocupada com os velhinhos do asilo.

- O caminho é esse, Magdalena. O dinheiro que Deus abençoa é o que vem do trabalho. Vamos propor ao pessoal que tiver melhor de saúde algumas atividades. Eu tenho certeza de que, a gente se revezando, ninguém vai se cansar e teremos bons resultados.

- Por falar em saúde - lembra-se Magdalena. - a Esther não amanheceu bem hoje. Aliás, desde ontem não saiu do seu quarto. Estão falando que ela vai morrer. Ela mesma está falando isso.

Uma ruga teima-se por mais tempo na testa da mulher.

- Vamos ao seu quarto. Ela não pode continuar pensando assim.

Quando chegam, Joana estava saindo sem levar consigo nenhum retalho de esperança. Com tristeza, comenta:

- Entrem. Precisam vê-la mais uma vez. Vou avisar aos outros.

- A última palavra ainda não foi dada - diz Setenta. - Quem sabe, Deus ainda pode esperar.

- Deus queira esperar, Setenta.

Joana sai e as duas mulheres entram no quarto de

Esther. Ao seu lado estava Afrodite, sua inseparável amiga desde que vieram, quase ao mesmo tempo, para o asilo.

- Como está ela? - pergunta Magdalena.

- Nada bem. Disse que vai morrer - responde Afrodite, mais uma vez em prantos.

- Ela não vai morrer - diz Setenta com tanta certeza na voz que Afrodite levanta o rosto antes escondido entre as mãos, bem no exato momento de ver Esther abrir os olhos quando a mulher toca a sua face.

- Ela voltou a si! - espanta-se Afrodite.

Setenta sorri.

- Voltou, Afrodite. E não vai mais querer dormir esse sono sem poder acordar aqui no nosso asilo. Não é, Esther?

A mulher, que tinha as mãos do tempo puxando suas pálpebras para o último e definitivo encontro, fala com esforço:

- Não tem mais jeito, Setenta. Chegou a minha vez e não posso fugir... rezem por mim... Deus sabe o que faz.

- Deus ainda não disse nada. É você quem está fugindo.

Uma luz acende-se naqueles olhos de brilho fosco após essas palavras. Setenta prossegue:

- É isso mesmo. Você está indo embora no pior momento do nosso asilo. E está tudo errado, pois eu sei e todo mundo sabe o quanto você gosta deste lugar. Tantas vezes lutou por ele. Tenho certeza de que preferiria encontrar com Deus deixando todos bem aqui e levando a certeza de ter feito tudo para a nossa felicidade.

Esther faz correr os olhos pelos cantos do quarto e, em seguida, comenta:

- Eu já fiz tudo que podia, Setenta. Agora já não tenho mais forças.

- Não é verdade. Estou vendo nos seus olhos muita vontade de viver e lutar. Sabe o que vamos fazer? Amanhã mesmo vamos começar a trabalhar pra ajudar o seu João e a dona Joana. Vamos intensificar a confecção dos tapetes que Magdalena vende na feira, fazer crochê, colchas de retalhos, aumentar a horta, criar porcos e muito mais. Outras ideias ainda vão surgir. E nós precisamos de você, de sua ajuda. Fique com a gente...

Foi um pedido tão sincero e tão bondoso que fez brotar um leve sorriso naquele rosto. Era a força da vida que voltava a repousar sua face no travesseiro da idosa mulher. Setenta tocou as suas mãos, fez um gesto afirmativo com a cabeça e saiu acompanhada de Magdalena, que já não se assustava mais com aquele jeito divino de espalhar esperanças que tinha sua companheira.

- Será que ela vai melhorar? - pergunta Magdalena.

- Vamos acreditar, minha amiga. Se ela quiser, vai melhorar. A vontade é a energia que dirige o mundo. Até a morte pode ser vencida. Se ela realmente ama o nosso asilo, em poucos dias estará trabalhando com a gente.

O dinheiro que Deus abençoa é o que vem do trabalho.

*A vontade é a energia que dirige o mundo. Até a morte
pode ser vencida.*

A magia do trabalho

Com o apoio de Joana e acompanhada de Magdalena, Setenta espalhou suas ideias e suas intenções. Em pouco tempo, os trabalhos começaram. Divididos em pequenos grupos, os velhinhos desenvolviam diversas atividades. Orientados por Setenta, revezavam-se para não se cansarem demasiadamente. Com raras exceções, todos trabalhavam. Alguns homens construíram cercados e passaram a cuidar de porcos e galinhas; algumas mulheres, além de intensificarem a confecção de tapetes, passaram a desenvolver trabalhos com crochê e retalhos. Faziam colchas e roupas para crianças. Outro grupo fazia doces caseiros e salgados. E a horta, com a construção de mais canteiros, em menos de um mês passaria a produzir além do consumo do asilo.

A tarde do terceiro dia de trabalho trouxe raios avermelhados, com mantos que desciam dos céus cobrindo de bênçãos todos os laboriosos habitantes do abrigo. A vida de todos havia significativamente mudado. Uma nova alegria chegou e nem quis saber; estava estampada no rosto de todos. Era a alegria do trabalho que tem a magia de mudar o mundo, de mudar a vida. Se não resolvia todos os problemas, pelo menos fazia esquecê-los durante as atividades. E amar o trabalho é o quarto mandamento da velhice.

Assim passou a ser o asilo. Aqueles que estavam impossibilitados de trabalhar, ou no momento descansavam, divertiam-se com os acontecimentos e a animação dos outros. Setenta não parava; caminhava sorridente de um lado para o outro, apoiada em sua bengala, incentivando e orientando nas tarefas.

- Quem terminar por último é mulher do padre!

Da varanda das refeições, João, que havia chegado da fábrica, observava o novo asilo, ao lado de sua esposa. Nem estava acreditando na mudança. No início ele era contra a ideia. Temia pela saúde dos velhinhos. Mas agora estava vendo no rosto e nas palavras de cada um que o trabalho só estava fazendo bem. Até o consumo de remédios havia diminuído. O melhor de tudo, dizia João à sua esposa, era a animação, a vontade de viver que havia chegado para morar entre os muros do lugar. Não havia mais aquele silêncio, aquela angústia em cada um, aquela desolação de quem vive apenas para esperar a morte. Agradeceu a Deus a chegada de Setenta, que havia sido a causadora de toda a mudança.

- Ela é mesmo uma santa mulher!

Setenta, que já havia ordenado o final dos trabalhos naquele dia, encontrou, para surpresa de todos, Esther na porta do seu quarto. A mulher havia se restabelecido e estava entusiasmada com o momento mágico que vivia o asilo. Recebe de Setenta um abraço carinhoso.

- Eu não disse que você ainda ia trabalhar por muito tempo com a gente?

- Quero começar amanhã mesmo - responde prontamente Esther.

- Já separei as suas atividades, desde ontem. Disseram-me que você sabe diversos modelos de roupas de recém-nascidos. Os retalhos estão lá esperando.

A mulher esboça um sorriso, mas uma lágrima o desfaz antes que se completasse. Com ternura, toca as mãos de Setenta.

- Muito obrigada, minha amiga, por me devolver a vida.

Setenta sorri, apertando suas mãos.

- Não fui eu, minha querida. Foi você mesma que não nos quis deixar sozinhos num momento tão difícil.

Afrodite chega naquele instante.

- Eu acho que este é o momento de conversarmos com ela, não é Esther?

- É verdade, Afrodite.

Setenta não sabia do que as duas estavam falando, mas esperou com a calma da neve no pico das montanhas. Esther foi quem falou:

- A gente queria lhe pedir desculpas. Mais do que isso: perdão! Eu e Afrodite recebemos você muito mal quando chegou ao asilo. Nós fomos muito egoístas. Você chegava pra nos ajudar e não fomos capazes de perceber isso. Você nos perdoa?

As palavras nem foram necessárias. O olhar carinhoso e o sorriso distante de qualquer rancor foram a maior prova do perdão desejado pelas duas mulheres. Setenta ainda diz, ao se despedir das duas amigas:

- O importante foi a gente aprender que o ser humano traz consigo infinitas qualidades. Por mais inútil que possa parecer, sempre tem algo a somar ao que está sendo realizado.

*A alegria do trabalho tem a magia de mudar o mundo,
de mudar a vida.*

*O ser humano traz consigo infinitas qualidades. Por
mais inútil que possa parecer, sempre tem algo a somar
ao que está sendo realizado.*

Erros e decisões

As calmas sombras da noite já espalhavam sua cor escura nos cantos mais afastados e escondidos do asilo, quando Setenta se dirigiu para o seu quarto. Queria descansar um pouco suas costas, enquanto aguardava o jantar que, naquele dia, havia se atrasado. Magdalena estava até ajudando na cozinha e, em poucos minutos, estaria ali à procura de sua amiga. O descanso, porém, não ia acontecer naquele momento. Um olhar, à distância, grita por ela. Era Pereira que já se encontrava em seu banco à espera da refeição. Quando ela chegou ao local, o homem não lhe virou as costas como da primeira vez. Com voz calma, sem forçar a conversa, Setenta diz:

- Notei que o senhor queria falar comigo e estou aqui. Mas sinto que não é por causa da solidão. O senhor teve a companhia do pôr do sol e creio ter sido mais feliz que eu nessa tarde, já que a passei entre retalhos, doces, conversas e o consequente barulho.

Dizendo isso, sentou-se ao lado dele, buscando ainda um resto de luz; um raio perdido no alto do céu. A voz do homem demorou por mais alguns segundos. Com esforço, fitando também o céu-poente, fala:

- E hoje ele estava... lindo! Pareceu-me bem mais bonito que os outros dias. Não sei por que, mas tinha uma cor diferente, um vermelho-alaranjado que prende, hipnotiza o olhar.

Olha para Setenta, que continuava em silêncio, agora olhando para ele.

- Estou falando do pôr do sol que foi lindo. Mas eu achei o trabalho de vocês bastante animado. Parecia muito bom por lá também.

A mulher sorri, feliz com o progresso que havia conseguido.

- Estava mesmo, seu Pereira. Já temos muita coisa para o domingo na feira. E já é depois de amanhã.

- É sobre isso que eu queria lhe falar, Setenta.

- Então o senhor tem uma sugestão? Mas que bom!

- Não é lá uma grande ideia, mas acho que vai ajudar um pouco. Aliás, são duas ideias. A primeira é que, se nós vamos vender tapetes, roupas, colchas, doces e verduras na feira, precisamos chamar a atenção dos consumidores. Vamos aproveitar a arma que nós temos: a velhice. Podemos fazer um cartaz, uma faixa, sei lá, chamando a atenção para a “Barraca dos Velhinhos”.

Setenta anima-se.

- Isso mesmo, seu Pereira! Era isso o que faltava. Não adianta aumentar os produtos sem divulgá-los. Vou lançar a ideia agora mesmo no jantar.

- A segunda - completa Pereira. - é fazer uma “Campanha de Roupas Usadas”. Já fiz isso em outras oportunidades e deu certo. Um grupo de pessoas sai de casa em casa, aqui mesmo perto do asilo, pedindo roupas usadas. Depois é só consertar as que precisam e vender por um bom preço na feira.

- Excelente! - exclama Setenta. - As duas ideias são muito boas. Vamos colocar em prática amanhã mesmo.

- Eu só queria pedir-lhe uma coisa, Setenta - diz o homem, contendo o seu próprio entusiasmo. - não diga a ninguém que as sugestões foram minhas.

Setenta olha no fundo dos seus olhos, compreendendo que muitas barreiras ainda teriam de ser transpostas antes que ele voltasse ao convívio normal do asilo. Mesmo assim, insiste de forma cautelosa.

- Tudo bem, seu Pereira. Não direi a ninguém que essas maravilhosas sugestões foram suas. Mas eu vejo que o senhor quer participar um pouco mais ainda, com o seu trabalho, não é verdade?

Pereira permanece em silêncio, voltando os olhos para o chão. Setenta continua:

- Eu preciso de alguém pra ajudar no plantio dos novos canteiros da horta, e agora, com a nova ideia, preciso também de uma pessoa pra chefiar o grupo que vai pedir as roupas usadas. O senhor é muito comunicativo. Tem jeito pra isso...

- Não sei, Setenta... eu não havia pensado nessa possibilidade - fala Pereira, esforçando-se para transpor mais uma barreira.

- Pense então, seu Pereira. Nesta vida, não podemos ser escravos dos nossos erros. Erros e decisões podem ser reparados, melhorados, esquecidos... pense nisso.

- Vou pensar...

Nesta vida, não podemos ser escravos dos nossos erros.

*Erros e decisões podem ser reparados, melhorados,
esquecidos...*

A voz da consciência

Sábado de sol. Os trabalhos haviam sido iniciados com as primeiras luzes da manhã. O entusiasmo tinha trazido a força física necessária para a realização das tarefas. As novas ideias foram, prontamente, aceitas. Enquanto faixas e cartazes estavam sendo confeccionados para a Barraca dos Velhinhos, Setenta formava o grupo que sairia em busca das roupas usadas. Seis pessoas; três homens e três mulheres se ofereceram para o trabalho. Era um número razoável. Podiam visitar várias casas ao mesmo tempo. Pereira não se ofereceu; desde cedo havia-se juntado aos outros que faziam os novos canteiros da horta. Mas já estava bom, pensou Setenta. Como ele não falava com ninguém, agora já ia, necessariamente, trocar algumas palavras com seus colegas de trabalho.

Frente à euforia do grupo formado, Setenta precisou até mesmo contê-los por mais algum tempo para não saírem tão cedo. Caso contrário iriam encontrar as pessoas dormindo e a campanha poderia dar em nada. Dentre os homens estava André, com sua cadeira de rodas, dando a sua contribuição. Alguém comenta:

- Será que é bom o seu André ir junto? As pessoas podem pensar que estamos usando a infelicidade de alguém que não pode andar pra recebermos mais roupas... Será que falei alguma coisa errada?

Setenta ouve o infeliz comentário. André já havia dirigido sua cadeira de rodas para um canto e a sua costureira lágrima já havia despertado cedo, como todos naquela manhã. A mulher vai falar com ele.

- Não leve a mal, seu André. Falaram sem pensar, sem sentir.

André ergue o rosto, esboçando um leve sorriso.

- Eu sei, minha amiga. Não estou chateado. A lágrima veio contra a minha vontade. Eu só queria escondê-la dos outros.

O sorriso se completa. As próximas palavras já eram bem mais alegres.

- Desde que nós conversamos, eu tenho procurado mudar o meu jeito de encarar a vida; tenho buscado mais a alegria pra fazer parte do meu viver. E vou conseguir...

- Essa foi uma ótima notícia, seu André. Eu confio no sucesso da sua mudança. A vida sempre tem uma alegria escondida em cada amanhecer. Sei que vai aprender a encontrar a sua. Além do mais, nós não devemos nos preocupar com o que falam as pessoas; devemos saber ouvir a nossa consciência. A voz da consciência é a única que canta as canções de ninar que nos fazem adormecer.

Voltando ao grupo, a mulher encontra todos pesarosos, preocupados com André. Setenta trata de desfazer o incidente e reanimá-los.

- Não precisam colocar no rosto tanta preocupação. O seu André não se abateu e já vai voltar pra cá. E quanto à sua participação, não vamos dispensá-la. Eu acho que as pessoas vão se comover é com a própria situação do nosso asilo. Todos sabem dos nossos problemas.

- Já está na hora? – Alguém se apressa.

- Vamos esperar mais um pouco. Tudo que é feito no momento certo tem mais possibilidade de sucesso.

*A vida sempre tem uma alegria escondida em cada
amanhecer.*

*A voz da consciência é a única que canta as canções de
ninar que nos fazem adormecer.*

*Tudo que é feito no momento certo tem mais
possibilidade de sucesso.*

Morte não existe

Uma hora depois o grupo saiu, no exato momento em que uma turma de estudantes do Ensino Fundamental chegou ao portão principal. Duas professoras se adiantaram e Joana foi recebê-las. As crianças já tinham a atenção de todos os moradores do asilo que pararam, momentaneamente, suas atividades com a chegada de tantas pessoas ao mesmo tempo. Eram em número de cinquenta e seus olhinhos curiosos buscavam um ângulo mais favorável para verem melhor o interior do velho lugar. Essas visitas não eram frequentes, mas de vez em quando as escolas mais próximas enviavam seus alunos para conhecerem a realidade de um abrigo de idosos. Joana os recebia com muito carinho e o asilo ganhava nova vida com a presença deles. A surpresa foi imensa quando encontraram quase todos os velhinhos trabalhando com grande entusiasmo. Os meninos, uniformizados, se confundiam e se espalhavam por todos os cantos do local, como abelhas em busca de mel. Joana explicou o motivo do trabalho. As professoras repassaram às crianças que, em pouco tempo, já haviam se adaptado ao ambiente e conversavam com todos. Setenta, com seus cabelos brancos, olhar carinhoso e um sorriso que transmitia a mais pura amizade, era quem tinha a maior atenção dos visitantes. Respondia a todas as perguntas e fazia outras, provocando respostas que aumentava a alegria das crianças.

- A senhora tem quantos anos? - pergunta uma das meninas.

- Uns setenta, minha querida. São tantos que até já perdi a conta.

- A senhora tem medo de morrer? - foi a pergunta de um menino de nove anos, com olhar inteligente.

- Ninguém precisa ter medo da morte; ela não existe. Vou explicar: veja as árvores, o sol, as nuvens, as pessoas... é tudo muito bonito, não é? Foi Deus quem fez tudo isso, e Ele é muito inteligente. Não ia fazer a gente e depois deixar morrer, sem mais nem menos, você não acha? A morte é só a mudança; o nascimento para uma nova vida. Eu sou é curiosa pra saber o que é que tem do “lado de lá”.

Num certo momento, Setenta pede licença às crianças e se dirige até um homem que estava cabisbaixo em frente à porta do seu quarto. Henrique, o cego, assusta-se ao ouvir a voz da mulher.

- Não pense que óculos escuros escondem tristezas, seu Henrique. Para se esconder apenas uma lágrima é preciso cobrir o rosto inteiro.

- Oh, Setenta! Eu não esperava por você. Imaginei que também conversava com as crianças.

- Vim buscar o senhor pra ir conversar com elas também. Faz bem a todo mundo conversar com crianças. Elas nos transmitem a paz e a esperança que carregam em seus sorrisos; falam sem reservas, sem jogo e sem rodeios. Na verdade as crianças têm muito a ensinar pra todos os adultos.

- A senhora tem razão, mas hoje eu não gostaria. Vou ficar por aqui mesmo.

Um instante de silêncio e Setenta, parecendo adivinhar os pensamentos do homem, diz:

- O senhor está assim porque não conseguiu ainda nos ajudar no trabalho, não é?

- É isso mesmo, Setenta. Sei que todo mundo está trabalhando e eu, sem visão... não pude fazer nada até agora.

Com a tristeza segurando a voz, acrescenta:

- E pensar que hoje eu poderia estar enxergando... Sabe,

Setenta, quando eu perdi a visão, tinha umas economias e com a ajuda de amigos eu estava quase conseguindo o dinheiro pra realizar a minha operação. Se não fosse o meu filho...

- O que aconteceu, seu Henrique?

O homem vira o rosto, como se olhasse para o céu.

- Deus me ajudou a perdoá-lo. Na época eu já não tinha uma grande família. Somente o meu filho morava comigo. Eu guardava as economias num cofre, esperando ganhar o restante pra realizar a cirurgia. De vez em quando ele me pedia emprestado algum dinheiro. Depois de alguns dias me devolvia a mesma quantidade de notas que havia levado. Eu confiava nele; era meu filho, o único que tive, e continuava oferecendo-lhe os meus empréstimos. Um dia um amigo, que me fazia uma visita, viu meu cofre e me revelou o que estava acontecendo: as notas devolvidas por meu filho, apesar de novas, eram de pequeno valor. Ele me enganou o tempo todo e acabou com o meu dinheiro. Tudo com bebidas! Depois disso vim para o asilo. Agora estou aqui sem poder ajudar num momento tão difícil... sem poder ajudar nem mesmo ao meu filho que hoje vive bêbado, jogado nas ruas.

Setenta havia se comovido com a história e também passou a lutar com uma lágrima teimosa, que tudo fazia para derrotar o sorriso que as crianças haviam colocado em seu rosto. Segurando firme as mãos da alegria, a mulher toca o ombro de seu amigo.

- Não vamos deixar a tristeza vencer dessa vez. Precisamos ser mais fortes do que ela, nesse momento em que o nosso lar está cheio de crianças. O quinto mandamento da velhice diz que, mesmo nas horas mais difíceis, devemos demonstrar alegria pra que as crianças não aprendam infelicidade. Venha, seu Henrique, me dê a sua mão. Vamos nos juntar aos outros. É certo que haverá uma maneira de nos ajudar em alguma coisa.

O homem segue, levado pela mão e pelo coração da bondosa mulher.

Ninguém precisa ter medo da morte; ela não existe. É só a mudança, o nascimento para uma nova vida.

Para se esconder apenas uma lágrima é preciso cobrir o rosto inteiro.

As crianças nos transmitem a paz e a esperança que carregam em seus sorrisos.

Sonhar com os pés no chão

Em menos de uma hora as visitas se foram e os trabalhos prosseguiram normalmente. As primeiras roupas usadas conseguidas na campanha já estavam chegando. Dudu, empurrando André em sua cadeira de rodas repleta de roupas, entrou animado no asilo. Estava provado que iriam conseguir o bastante para venderem na feira. Setenta já foi separando as melhores para esse domingo. As outras seriam consertadas durante a semana para o próximo dia da feira. Henrique ajudava as mulheres segurando os rolos de linha para o crochê, mexendo as panelas de doce e outras pequenas atividades em que a visão não era necessária. Muito ponderado, ainda auxiliava na escolha dos preços pelos quais as roupas seriam vendidas.

De repente, no meio das vozes, uma se destaca e chama a atenção de Setenta.

- Tem vinte vidros de doce; tem oito canteiros a horta; cinquenta e duas crianças vieram aqui e... ah! Setenta, não se esqueça de me dizer quantas peças de roupas usadas a gente vai conseguir no final, viu? Vai ser um dos números que eu vou jogar na segunda-feira.

Só podia ser Maria da Graças. Estava muito animada com a abundância de números que tinha conseguido naqueles últimos dias.

- Ah! O quinze também. Tem quinze dias que a Rosália

está doente. Vou ter que jogar dobrado. Só preciso conseguir mais um pouco de dinheiro.

Setenta aproveita a oportunidade para conversar com ela.

- Eu lhe dou o dinheiro que falta, minha amiga. A feira, Deus vai ajudar, será muito proveitosa amanhã.

- Verdade, Setenta? Então eu vou contar quantas pessoas estão trabalhando hoje e...

- Senta aqui, Das Graças. Nós nunca tivemos tempo de conversar direito, você não acha? - diz Setenta, olhando em seus olhos.

A mulher se aquieta e em seu rosto aparece um ar de preocupação.

- O que foi? Eu fiz alguma coisa errada? Se eu fiz, você pode falar... - diz a mulher, sentando-se na ponta do banco.

Setenta a acalma com seus olhos cheios de bondade.

- Não, minha amiga. Já conheço sua bondosa alma. Você é incapaz de fazer mal a alguém. Eu queria apenas compreender melhor você e os seus números.

A animação volta ao seu rosto.

- Os meus números? Ora, eles estão por aí. No meio deles estão os premiados; eu só preciso aprender a encontrá-los. Ah! Setenta, eu acertei o setenta, naquele dia que você me deu a ideia. Mas foi só ele... e ainda não ganhei, mas vou ganhar; e vou ganhar muito dinheiro e...

Setenta interrompe a eufórica mulher.

- Por que você quer tanto ganhar?

- Pra ganhar, "ué"! É muito dinheiro. O prêmio principal enche esse lugar de notas, e só das graúdas.

- E o que você faria com tanto dinheiro?

- Eu faria, deixe ver, muita coisa. Eu faria... muita

coisa... ora, Setenta, sabe que eu não tinha parado pra pensar?

A conselheira de cabelos brancos sorri.

- Era isso que eu estava pensando. Se você ainda não sabe o que vai fazer com o dinheiro, não precisa jogar. O certo é descobrir primeiro como pretende gastar o prêmio.

Maria das Graças ouve pensativa. Setenta completa:

- Dessa forma você está perdendo tempo de sua vida, correndo atrás de um sonho sem valor; um sonho sem motivo. Você poderia estar fazendo outra coisa e vive por aí, correndo à toa, atrás de números. Você já parou pra pensar nisso também?

- Você tem uns pensamentos estranhos - arregala os olhos a mulher.

- Eu acho que ninguém ainda te ensinou a sonhar. Ouça bem: o homem precisa sonhar, mas com os pés no chão. Se você não sabe o que fazer com o dinheiro, não está sonhando direito. Se você vive correndo atrás apenas do seu sonho, esquecendo de sua vida real, também não está sonhando direito. O homem deve sonhar com os pés no chão, sabendo que o sonho pode ou não ser realizado. O homem deve sonhar construindo uma realidade.

A mulher balança a cabeça tentando entender direito o que disse Setenta. Por fim, murmura:

- Mas, e os meus números?

- Você pode continuar procurando por eles, mas como ainda não sabe o que fazer com o prêmio, não precisa mais ter tanta pressa.

- Certo. E deixa eu me lembrar... devo construir uma realidade enquanto sonho, não é?

- Isso mesmo - sorri, mais uma vez, Setenta. - você vai sonhando e vivendo, participando, trabalhando. Pode começar ajudando a gente. Tem muito serviço por aqui.

A mulher levanta, olha para o alto, ergue o dedo indicador da mão direita e caminha, falando sozinha:

- Eu preciso pensar... o que vou fazer com tanto dinheiro? Ainda não sei. E a minha realidade? Eu preciso sonhar com os pés no chão...

*O homem deve sonhar com os pés no chão, sabendo que
o sonho pode ou não ser realizado.*

O homem deve sonhar construindo uma realidade.

Pérolas e fantasmas

O domingo chegou. Quando o sol saiu, iluminou a Barraca dos Velinhos quase montada. Os primeiros fregueses já estavam chegando, quando a faixa foi estendida e os cartazes, cuidadosamente, colocados. A campanha das roupas usadas tinha sido um sucesso e a barraca estava cheia delas. Peças de crochê, tapetes, colchas de retalhos, doces, salgados e verduras completavam a variedade de mercadorias oferecidas. Uma equipe de idosos e sorridentes vendedores, escolhida e liderada por Setenta, estava pronta para o trabalho. O tempo passou e quando veio a tarde, a equipe retornou ao asilo levando a grande notícia. A Barraca dos Velinhos tinha sido a preferida dos fregueses e as mercadorias, quase todas vendidas. O dinheiro conseguido dava para pagar parte na farmácia e quem sabe comprar alguma coisa para a despensa. Os velinhos se reuniram e foram entregar o dinheiro à Joana. A mulher os recebeu com o coração cheio de ternura.

- O dinheiro é de vocês. João saberá usá-lo da melhor maneira possível em prol de todos do nosso lar.

À noite, quando João chegou, foi realizado um terço frente à imagem de Nossa Senhora, pelo bom resultado da feira. Esse era o costume no asilo. Rezavam sempre para agradecer uma bênção recebida. Na velhice, principalmente, é que se acredita na força infinita da oração.

Depois do terço todos foram descansar do árduo trabalho da semana. No escuro dos quartos, setenta pares de olhos brilhavam contentes, jogados sobre os travesseiros. O trabalho, mesmo cansativo devido à idade de todos eles, havia trazido muita satisfação; felicidade mesmo, para dentro dos

muros do asilo. A semana seguinte seria bem mais tranquila. Tudo já estava organizado e com o revezamento proposto por Setenta, as tarefas seriam realizadas com muito mais tranquilidade. Um a um, os pares de olhos foram se apagando, fugindo de encontro ao sono, como pérolas que se escondem no fechar das conchas. Nem todos, porém, conseguiram adormecer. No quarto de Setenta, depois de alguns minutos que as luzes se apagaram, uma gélida mão toca o braço da mulher. Setenta, que já havia encontrado o caminho do sono, volta à realidade.

- O que foi? - balbucia a mulher.

- Ele está aqui de novo, Setenta! Escute... está jogando pedrinhas no telhado.

Era Aurora, que se levantara de sua cama e fora até ao improvisado leito estendido no chão onde sua amiga estava. O motivo era o fantasma que havia voltado.

- Onde está ele? - pergunta Setenta.

- Agora está lá fora. As pedrinhas ficam além do muro. É sempre assim. Depois entra arrastando a sua corrente.

Setenta senta-se em seu colchão.

- Bom, então hoje nós não vamos perder a oportunidade de falar com ele. Vamos esperá-lo lá no pátio.

Aurora pensa um instante, depois fala:

- Sabe, Setenta, eu acho que é melhor a gente não importunar. Você tem razão quando me disse, aquele dia, que ele não é um fantasma mau e por isso é melhor a gente não atrapalhar o seu passeio, não é mesmo?

- Tudo bem - concorda Setenta. - não vamos privá-lo de sua liberdade. Se quiser falar com a gente, ele chama.

- É verdade.

Setenta completa:

- Só que hoje eu acho que ele não trouxe a sua corrente.

- Por quê? - pergunta a atônita mulher.

Setenta volta a recostar seus cabelos brancos no travesseiro.

- Eu acho que, além de ser um bom fantasma, ele também é inteligente. Sabe que todos nós estamos cansados. O barulho da corrente poderia atrapalhar o nosso sono. E é muito mais fácil andar por aí sem ser preciso arrastar uma corrente pesada daquelas. Tenho certeza de que ele não vai me decepcionar. Vamos ouvir...

Aurora senta-se na ponta do colchão, esperando a passagem do fantasma. Depois de alguns minutos de silêncio em sua mente, a mulher fala baixinho:

- Aí vem ele. Está passando em frente ao nosso quarto.

- Está sem a corrente, não está?

- Está. Como você disse. Só estou ouvindo os seus passos. Ele é mesmo muito bondoso e inteligente.

- E está andando rápido - diz Setenta. - Ouça. Já foi embora.

Aurora sustenta o silêncio por alguns instantes.

- É mesmo. Já foi embora. Hoje estava com pressa. E já fazia muitos dias que não vinha visitar a gente.

- Decerto arranjou um lugar mais agradável pra ficar. Talvez nem volte mais aqui.

- É... quem sabe. Bem, agora eu vou voltar pra minha cama. Boa-noite, Setenta.

- Durma bem, minha amiga.

E mais dois pares de pérolas se fecharam felizes em suas conchas.

Na velhice, principalmente, é que se acredita na força infinita da oração.

Entre mil destroços de tristezas

Para quem trabalha apenas pelo dinheiro, o início da semana é triste, desanimador. Mas para quem faz o que gosta, o início da semana é mais uma oportunidade que Deus lhe deu de ser feliz. No asilo, a alegria do trabalho despertou com o sol e, em pouco tempo, as atividades haviam sido iniciadas, visando a próxima feira. Setenta, sempre preocupada com a saúde dos velhinhos, não queria que o trabalho fosse excessivo e sugeriu que a segunda-feira fosse dia de descanso para aqueles que trabalharam muito no domingo. Antes do almoço, uma visita chegou ao portão do asilo. Era Sérgio, o rapaz viciado em drogas, filho de Aparecida. A mulher foi recebê-lo. Setenta notou a sua chegada e nem esperou Aparecida chamá-la como havia sido combinado. Deixou as roupas usadas que estava consertando ao lado de Magdalena, Esther e Afrodite e se dirigiu ao portão. Sérgio não entrou como sempre fazia nas raras vezes em que vinha visitar sua mãe. Com as mãos para trás, escondendo os braços feridos pelas agulhas, esboçava um sorriso amargo, porém lúcido e isso era o bastante para Setenta começar um bom diálogo com esperanças de um final proveitoso.

- Mas quem é esse rapaz bonito, de sorriso maravilhoso fora do portão, dona Aparecida?

A mulher sorri, feliz com a chegada da amiga.

- Esse é o meu filho Sérgio, de quem lhe falei. Veio me fazer uma visita.

- E o que essa amiga mal-educada está fazendo que não o convida pra entrar? - diz Setenta, já abrindo o portão.

O rapaz se afasta um passo, desmanchando o seu sorriso. Aparecida explica:

- Ele que não gosta de entrar aqui. Nunca entrou no asilo. Vem me ver e fica apenas alguns minutos aí fora e depois... vai embora.

As últimas palavras da mulher demonstram sua imensa amargura de viver distante do único filho que tinha. Setenta insiste à sua maneira:

- Tudo bem. Ele quem sabe, dona Aparecida. Mas se eu fosse ele, gostaria de saber como está sendo tratada minha mãe nesse asilo pobre. É bom lembrar que mãe a gente tem apenas uma e é preciso cuidar bem dela.

Depois de um instante de silêncio, Setenta completa:

- Ainda mais sendo um rapaz bonito assim, eu ia aproveitar e namorar todas as jovens garotas de sessenta anos que tem por aqui.

O sorriso volta a se fazer nos lábios do visitante.

- Assim está melhor - diz Setenta, tocando as costas do rapaz que caminha para dentro do local.

- E o abraço, dona Aparecida?

A mulher entende o recado de Setenta e se aproxima do filho que lhe dá um leve, mas que não deixou de ser um abraço.

Setenta leva o rapaz até onde estavam sendo realizados os trabalhos. Mostra as costuras, os porcos, a horta e os doces, onde Aparecida demonstrava seus talentos.

- Foram um sucesso os doces de dona Aparecida na feira; a primeira mercadoria que acabou - diz Setenta ao rapaz, explicando o motivo dos trabalhos e falando da Barraca dos Velhinhos.

- Não se esqueça, Setenta, da Neusa, da Joana D'arc e da dona Joana que ajudaram muito - diz Aparecida, dividindo o sucesso com suas companheiras.

Sérgio admirou-se com o esforço dos velhinhos.

- E o resultado final foi muito bom, pelo que notei.

Setenta responde:

- Muito bom, Sérgio. Deu pra pagar parte de umas dívidas atrasadas. Se a gente mantiver o ritmo, em pouco tempo, vamos superar nossas dificuldades.

O visitante é levado até ao quarto de sua mãe. Quatro camas velhas, pisos e paredes estragados e o teto caindo aos pedaços formavam o cenário de um velho asilo, há anos carente de cuidados. Sérgio preocupa-se com a situação do lugar.

- O asilo está precisando de uma reforma, não é?

- Infelizmente ainda não temos dinheiro pra isso. Mas é certo que, um dia, Deus nos dará essa condição.

O rapaz manifesta a vontade de ir embora e se despede da mãe. Setenta aproveita a ocasião para acompanhá-lo até à saída. Queria falar com ele a sós. Quando chegam ao portão, a mulher diz:

- Apesar de nossa péssima condição, Sérgio, sua mãe vive bem aqui. Seria mais feliz somente ao seu lado, numa casinha modesta, mas de vocês.

O rapaz abaixa a cabeça.

- Essa realidade deixará de ser sonho quando você mudar a sua maneira de viver. Enquanto isso não acontece, venha visitá-la mais vezes. Ela te ama.

Sérgio vira as costas e sai. Aparecida vem correndo ao encontro da amiga.

- E então? Falou com ele sobre as drogas?

Setenta joga seu olhar ao infinito. Suas palavras são ditas com a suavidade do voo de um pássaro que pousa em seu ninho.

- Não, minha amiga. Não falei sobre as drogas, ele não ia me ouvir. Falei de algo mais importante: de um sonho que ele traz consigo, guardado entre mil destroços de tristezas no fundo do coração. Se o sonho revivescer em seu interior com toda a sua grandeza e se erguer entre os destroços, as drogas serão apenas um pequeno obstáculo em seu caminho de encontro à realidade.

Aparecida não entendeu muito, mas havia tanta segurança nas palavras de Setenta que o primeiro brilho de esperança nasce em seus olhos.

Mãe a gente tem apenas uma e é preciso cuidar bem dela.

Se o sonho revivescer em seu interior com toda a sua grandeza, não haverá obstáculo em seu caminho de encontro à realidade.

O escuro e o silêncio

A noite, no asilo, é sempre tranquila. Todos se recolhem em suas camas, em seus cantos, em sua solidão para fazerem parte da calma que reina sobre o velho teto do lugar. Enquanto o sono não chega, olhos e ouvidos abertos procuram respostas no escuro e no silêncio. Muito se vê e muito se ouve sobre a vida, a morte, o natural e o sobrenatural. Com o passar dos anos aprende-se a não ter medo do escuro; e saber ouvir o silêncio é o sexto mandamento da velhice. Godofredo e Setenta não participavam daquele ritual noturno. Estavam sentados em tamboretes na porta do quarto, esperando Magdalena que havia sido chamada por Joana, logo depois do jantar. As palavras que trocavam, entretanto, de tão ternas e puras, não interrompiam o caminhar do silêncio.

- E então o senhor veio para o asilo?

- Foi, Setenta. Como eu te falei, tive um acidente, bati com a cabeça e não me lembrei de mais nada, nem do meu próprio nome. O curioso é que, ultimamente, está vindo no meu pensamento a imagem de uma casinha velha, com um engenho do lado. O engenho gira e duas crianças correm em volta de sua moenda: um menino e uma menina. O menino, sei que sou eu.

- Tente se lembrar de mais alguma coisa. Quem sabe o senhor consegue. E o seu nome atual? Por que “Godofredo”?

- Eu precisava de um nome e Magdalena arranjou esse pra mim.

Nesse momento, Magdalena, João e Joana chegam carregando uma cama. Era um presente para Setenta em agradecimento à sua dedicação e ao seu carinho a todos do

asilo. João havia comprado logo depois que saiu do trabalho. O homem diz:

- Nós queremos te agradecer, Setenta, o apoio e a lição de vida que vem dando a todos nós do abrigo. Estamos aprendendo muito com você. A sua presença aqui foi uma providência divina e sem você, eu tenho certeza, nós estaríamos passando por muito mais dificuldades.

- Muito obrigada, seu João, mas não era preciso se preocupar comigo. O asilo tem muitas outras prioridades - diz Setenta, comovida.

- Nada disso, minha senhora. Não poderíamos deixá-la dormindo lá no chão. A cama já deveria ter sido comprada há muito tempo, mas a nossa situação financeira não permitia. Não é uma cama nova, mas é forte. Foi comprada na loja de móveis usados, onde é muito mais barato.

- Muito obrigada, mais uma vez.

A cama foi colocada no quarto e, depois de um abraço em Setenta, o casal retorna, deixando alegria e levando felicidade. Magdalena e Godofredo foram deitar, e Setenta sai ainda à porta para olhar, mais uma vez, o céu escuro e dar boa-noite ao silêncio. Seus olhos, no entanto, notam mais uma alma que também não tinha se entregado ao sono. Era Amarildo que, na porta do seu quarto, ainda trocava lágrimas com a tristeza. A mulher vai até lá.

- O senhor também não conseguiu dormir, seu Amarildo?

O homem enxuga os olhos, com a chegada da inesperada visita.

- É, Setenta. Não pude dormir ainda.

- Sua filha, não é? Ainda não veio...

Uma lágrima molha o chão mais uma vez.

- Eu acho que ela se esqueceu de mim. Faz mais de um ano que a gente não se vê. Seu casamento separou nós dois. Acho até que você tem razão. Preciso esperar sabendo que a espera pode ser inútil.

Setenta repete o conselho que lhe deu na primeira vez que conversaram sobre o assunto.

- Ela virá ao asilo, seu Amarildo. Acho que, pelo tempo que passou, poderá vir apenas visitá-lo. Eu gostaria somente que o senhor não alimentasse vãs esperanças de ir embora morar com ela.

O homem olha para o céu como se buscasse uma resposta.

- Eu não entendo, Setenta, como os filhos podem esquecer, tão facilmente assim, os pais...

- Acho que eles não esquecem; sabem como suportar melhor a saudade. Não é fácil compreender a juventude.

Com um sorriso animador, a mulher faz nascer mais um de seus conselhos:

- O seu caso, seu Amarildo, parece não ter outra solução, senão esperar. Por isso não merece sua preocupação. Na vida devemos nos preocupar apenas com coisas possíveis, que a gente pode sair e buscar.

O homem balança sua cabeça, demonstrando entender o recado. Setenta despede-se:

- Bem, vou retornar ao meu quarto. Está na hora de dormir. O sono deve estar impaciente de esperar por mim.

E a mulher sai, compartilhando sua paz com o escuro e o silêncio do asilo.

*Na vida devemos nos preocupar apenas com coisas
possíveis, que a gente pode sair e buscar.*

Ventos e trovões

Cada dia tem sua história; cada história tem seu dia. O céu nublado dizia que a chuva era iminente. Para os habitantes do asilo, o dia chuvoso era sempre ameaçador. Todos se agitavam e corriam de um lado para o outro, ao sinal do primeiro trovão ou das primeiras rajadas de vento. Vasilhas eram postas debaixo dos costumeiros buracos de goteiras, plásticos eram colocados sobre caixas de roupas protegendo-as da água. O comentário de sempre era que molhava mais dentro dos cômodos do que fora deles. No quarto de Setenta, a mulher, com a ajuda de Godofredo, empurrava um móvel velho de encontro à porta para mantê-la fechada durante a chuva, caso o vento fosse mais forte. Magdalena havia-se refugiado em sua cama, com olhos de quem não via alegria num dia de chuva. Setenta já conhecia esse seu comportamento e se aproxima calma, como a chuva que começava a cair sobre o telhado.

- Então, minha amiga não gosta de uma das mais ricas bênçãos que Deus dá aos homens?

- É a única coisa que tenho medo na vida... ventos e trovões
- completa Magdalena, olhando, por um buraco na parede, a chuva que caía lá fora.

Setenta, mais uma vez, demonstra sua maneira diferente de ver a vida:

- Minha amiga, esses ventos e trovões vêm de Deus. Não se deve temê-los. Ventos e trovões que machucam são aqueles que vêm da mente dos homens.

A mulher franze a testa como se tentasse entender

a mensagem. Em seguida, ainda com os olhos na fresta da parede, faz um desabafo:

- Sabe, Setenta, quando eu era pequena, morava com meus pais numa fazenda e lá as chuvas demoravam, mas quando vinham eram muito fortes. Caíam sem dó sobre nós. O vento derrubava o telhado, relâmpagos clareavam a casa, os trovões eram ensurdecedores e a gente via, através da janela entreaberta, galhos das grandes árvores mais próximas serem arrancados e jogados ao chão. Eu devia ter uns quatro ou cinco anos e chorava frente àquela violência. Lembro-me de que minha mãe me pegava nos braços e colocava uma toalha sobre minha cabeça, como que me protegendo de tudo aquilo. Eu agarrava naquela toalha e nos braços de minha mãe. Quase morria de medo até a chuva passar. Era assim todos os dias chuvosos, até que nós mudamos de lá. Parece que esses anos ficaram marcados em minha vida e essas tristes lembranças voltam sempre com os primeiros sinais de chuva.

Setenta ouve, atentamente, Magdalena e compreende o trauma que trazia da infância. Sabia que não podia fazer muito para ajudá-la a superar o medo, mas procurou diminuí-lo, apará-lo aos poucos, tirar sua casca e rodeá-lo com a importância e a beleza da chuva.

- Magdalena, reveja a sua maneira de ver um dia chuvoso. Existe nele um encanto, uma magia que não podemos ver num dia comum. Ouça os pingos no telhado, o vento nas árvores, o barulho do trovão; eles não vieram pra destruir, pra causar o medo. O homem e a chuva são unidos por um terno abraço. Sem a chuva, o homem não sobrevive; sem o homem, a chuva perde grande parte da plateia que admira sua beleza e reconhece sua magnitude. A água pura que vem do céu é nossa amiga. Ventos e

trovões é a maneira que a chuva tem de demonstrar sua alegria.

Magdalena sorri e grande parte do seu medo se rende aos fortes e belos argumentos da velha mulher, que acrescenta:

- Se a chuva sentir a sua preocupação, ela vai embora mais cedo. E a nossa horta?

*Ventos e trovões que machucam são aqueles que vêm da
mente dos homens.*

A pedra falsa

Enquanto a chuva caía, outra personagem daquele quarto cheio de goteiras contava seu dinheiro, sentada em sua cama. A última soma parecia errada e, mais uma vez, o velho maço de notas era aberto e a contagem reiniciada. Setenta e Magdalena passaram a observar a velha Ritinha. Para ela, entretida em sua tarefa, a chuva passava despercebida. Setenta espera a mulher terminar a conta e senta-se em sua cama.

- Você queria ter mais dinheiro do que esse, dona Ritinha?

Ela observa o pacote, sente sua grossura entre os dedos, depois exhibe o velho sorriso incerto.

- É, eu queria. Tenho muito, mas eu ainda vou ajuntar mais. Muito dinheiro é melhor.

- Eu não concordo - diz Setenta.

Ritinha arregala os olhos e fala de uma forma engraçada:

- Mas o que é que você tem? Está doente? Não gosta de dinheiro!

- Não é exatamente assim. Eu não gosto da maneira como as pessoas veem o dinheiro.

Setenta toca em suas mãos que seguravam, firmes, o maço de notas.

- Minha companheira de quarto, nós já conversamos outras vezes sobre isso e eu queria tanto que você esquecesse esse costume...

A mulher aperta um pouco mais as notas velhas. Setenta fala da vida; de um jeito diferente de viver:

- Muitas e muitas pessoas vivem em busca do dinheiro, grande parte de suas vidas. No final da caminhada neste mundo, compreendem que lutaram por algo sem valor. Perderam o tempo em busca de uma pedra falsa, enquanto desprezavam o amor, a amizade, o bem e a paz que brilhavam verdadeiramente diante de seus olhos. Não perca seu tempo contando dinheiro; conte os amigos. Enquanto você admira o dinheiro, pode estar passando, do seu lado, uma oportunidade de fazer e de ser alguém feliz.

Um instante de silêncio se faz entre as mulheres, o bastante para Godofredo soltar sua tosse, sentado em um tamborete, e voltar a ouvir os conselhos de Setenta. Ritinha pensou naquelas palavras e a voz que apareceu trazia segredos aprisionados há muito tempo no fundo de sua alma.

- Quando você conversou comigo pela primeira vez, Setenta, eu pensei que queria o meu dinheiro. Hoje eu sei que não é nada disso. Você é minha amiga.

Setenta aproveita a pausa:

- Isso mesmo. E é essa sua amiga que quer ver você se libertar dessas notas. Por que você vive assim?

- Eu tenho medo, Setenta...

- Medo de quê? - insiste a conselheira.

Uma lágrima se forma nos olhos apagados daquela pobre criatura, rola em sua face enrugada e cai sobre o maço de notas velhas.

- Eu tenho medo de ficar sozinha... se o asilo acabar... se me mandarem embora... esse dinheiro é pra pagar um lugar pra ficar. Sem ele, ninguém vai cuidar de mim e eu vou ser jogada nessas ruas escuras... eu tenho muito medo.

Setenta abraça a mulher, com todo o carinho que tinha guardado no coração.

- Não precisa chorar, minha querida. E não é necessário guardar esse dinheiro. Tenha sempre consigo esta certeza: você nunca vai ficar sozinha. O asilo não vai acabar e ninguém vai te mandar embora. Dona Joana e todos nós adoramos você. É nossa amiga e vai fazer sempre parte de nossas vidas.

A alegria retorna, dividindo espaços daquele rosto com os caminhos de tristeza deixados pelas lágrimas. Depois de olhar Setenta nos olhos, a mulher recolhe sua mão e guarda o maço de notas no bolso de sua velha blusa.

- Eu vou guardar aqui... um pouco só.

- Tudo bem, minha amiga.

*Não perca seu tempo contando dinheiro; conte os
amigos.*

O encanto de uma manhã

O dia se fez bonito. O encanto de uma manhã, que veio depois de uma noite chuvosa, invadiu o asilo. Veio trazendo um cheiro de vida que flutuava sobre as plantas ainda molhadas. Uma brisa quase imperceptível acariciava faces e cabelos. Borboletas dançavam, docemente, a música da paz. Vários e pequenos insetos passavam sobre o telhado, espalhando a alegria de terem recebido da chuva a graça, a ventura de, finalmente, conseguirem asas para voar. Assim contribuía a vida para amenizar um pouco os problemas, as preocupações do asilo. Setenta e Magdalena, logo cedo, foram visitar Rosália, a mais velha de todos no abrigo. Há dias estava em seu leito e os cuidados de Joana e Alice não tinham resposta. Os noventa e dois anos da mulher pareciam estar completos e não queriam mais companhia. Magdalena sai desanimada.

- Acho que agora nós vamos perdê-la. Não tem outro jeito.

- Nós não vamos perdê-la - diz Setenta. - ela estará sempre do nosso lado. E mesmo que alguém não acredite, um dia irá reencontrá-la; talvez não seja por aqui.

Magdalena comenta:

- É difícil entender a vida... a morte... a gente não sabe pra onde vai...

Setenta diz:

- O importante é viver o máximo de si onde está, com paz, alegria e amor à mais pequena das criaturas. Para quem ama, o futuro será sempre mais belo que o presente.

E as duas mulheres seguiram, entregues aos seus pensamentos, até ao final do pátio onde começava a horta. No asilo é assim, as pessoas caminham por qualquer lado para chegar a lugar nenhum. Seus passos, no entanto, levaram-nas próximas de uma cena quase que rotineira. Cândida, depois de alguns dias esquecida, estava na tela ao lado da horta, chamando de volta seu gato.

- Nininho! Ô, Nininho!

Uma bengala toca o chão úmido da beira da horta, levando consigo uma doce mulher de cabelos brancos.

- Mas o que está fazendo seu gato que ainda não voltou? Cândida vira-se.

- Não sei, Setenta. Ele saiu ontem à noite na hora daquela chuva. Deve estar todo molhado, o coitadinho.

Setenta sabia que o gato havia sumido há mais de um ano. Com pesar, diz à mulher:

- Eu acho que ele não vai mais voltar.

- É... - concorda Cândida. - você já me falou. Eu é que não quis acreditar.

Setenta anima-se. Parece que o agradável ar daquela manhã trouxera também um pouco de lucidez.

- Que bom que entendeu isso! Sabe que alguns acham que você ficou maluca?

- Eu sei. De vez em quando eu penso nisso. Só porque fico chamando o meu Nininho...

- Mas a culpa é sua. Você também sabe que ele foi embora há muito tempo e não quer acreditar, não é verdade?

A mulher coça a cabeça, pensativa.

- Como é que você sabe de tudo isso, Setenta?

- Todo mundo sabe, minha amiga... não deixe mais os outros pensarem que você está maluca. Você não está.

- É mesmo. Eu não estou. Mas Setenta, não é maluca, é caduca que eles dizem por aí.

As duas sorriem por algum tempo e Setenta se alegra com a possibilidade daquela mulher mudar a vida. Cândida retoma o diálogo:

- Então eu não posso mais chamar o meu Nininho?

Setenta toca as suas mãos.

- Ele vai estar sempre por aqui, se você quiser, em seu pensamento. E você pode amá-lo, mas deve amar também outras coisas ao seu redor. Veja as árvores, o vento, as borboletas... a natureza também precisa do seu amor. Dedique um pouco de sua atenção a ela, um pouquinho só e todos os dias ela será feliz como hoje.

A mulher pensa mais uma vez e sorri.

- Obrigada, Setenta. Você é uma boa amiga.

Setenta também sorri.

- Magdalena e eu vamos fazer algo pra você amar, tanto quanto ama seu gato. É surpresa. Qualquer dia desses a gente traz pra você.

- Tudo bem. Vou esperar... mas Setenta, eu posso tentar só mais uma vez?

- Claro, minha amiga.

E a mulher volta o seu rosto para a rua.

- Nininho!

Setenta sente que esse não seria, talvez, o último chamado; mas seria, sem dúvida, um dos últimos. E volta-se, agradecendo em pensamento a colaboração da natureza. Sabia ela que naquele caso, bem mais que os seus conselhos, fora decisivo o encanto, a magia daquela manhã.

*O importante é viver o máximo de si onde está, com paz,
alegria e amor à mais pequena das criaturas.*

*Para quem ama, o futuro será sempre mais belo que o
presente.*

A verdadeira riqueza

A velha mulher retornou aos seus afazeres. O domingo estava chegando e os últimos preparativos para a feira estavam sendo providenciados. E nada melhor do que uma agradável manhã para desenvolver com sucesso as atividades. Na morosidade dos seus passos, Setenta notou como a horta estava bem cuidada. E ainda mais: Pereira havia chamado para si essa responsabilidade e, sob o seu comando, os outros velhinhos trabalhavam no intento de alcançar uma maior produção. O entusiasmo demonstrava que, em pouco tempo, as verduras seriam a principal mercadoria da Barraca dos Velhinhos, além de atender as próprias necessidades do asilo. Setenta alegrou-se com o processo de socialização de Pereira. Seu retorno completo ao grupo estava prestes a acontecer.

Magdalena e Dudu, entre outros, estavam trabalhando no reparo das roupas usadas quando Setenta chegou. Dudu, animado com a primeira campanha das roupas, sugere uma segunda visita do grupo às casas vizinhas do asilo:

- Agora podemos ir para o outro lado. Tem bastante morador por lá.

- Bem pensado, seu Dudu - diz Setenta. - vamos iniciar a próxima semana com essa atividade. Pra esse domingo, consertando essas que restaram, felizmente ainda temos bastante pra vender. Isso prova que a ideia foi boa, e a arrecadação melhor ainda. Eu queria até agradecer ao senhor, que tem sido um dos que mais trabalham. A sua vontade e o seu esforço têm sido muito importantes.

Depois de uma pausa, Dudu comenta:

- Eu sempre trabalhei em minha vida. Não tive, entretanto, a felicidade de conseguir o que queria.

- E o que o senhor queria? - indaga Magdalena.

- Eu queria ser rico. Ter muito dinheiro... mas não era só por mim; eu iria ajudar muita gente, as creches, os asilos e principalmente minha família que, infelizmente, não me quis ao seu lado nos últimos dias de minha vida...

Um lampejo de tristeza grifa as últimas palavras daquele homem, mas logo em seguida o momento é superado.

- Minha família foi sempre pobre - prossegue Dudu.- Quando eu era criança, nós vivíamos numa fazenda. Meu pai era vaqueiro e minha mãe, que era a cozinheira do local, fazia almoço e jantar pra cerca de vinte peões. Morávamos numa casinha próxima à sede. Os filhos do dono da fazenda, que tinham mais ou menos a mesma idade que eu, brincavam sempre com lindas bolas no gramado perto da casa. Eu e meus irmãos não podíamos nos aproximar deles. Minha mãe não deixava; decerto era uma ordem recebida. Nós morríamos de vontade de brincar com uma bola daquelas. Eu, principalmente, sonhava em dar pelo menos um chute numa certa bola colorida, com listras amarelas. Minha mãe, um dia, quis realizar esse meu sonho e me levou à sede. Depois de uma conversa, a empregada trouxe a bola e me entregou. A alegria brilhou em meu rosto. Ali estava eu, com aquele sonho em minhas mãos. Lembro-me de ver minha mãe sorrindo quando chutei a bola para o alto, acompanhando-a com os olhos. A empregada recolheu a bola, limpou-a com uma toalha e a recolocou numa espécie de cesta junto com as outras. Minha mãe pegou em minhas mãos e me levou, prometendo que um dia meu pai iria comprar uma bola

daquelas pra mim. Foi a maior felicidade que tive em minha vida, mas foi também motivo de uma tristeza que me acompanha até hoje. Mesmo sendo bastante criança, eu percebi a diferença existente entre os homens. Uns com tanta riqueza; outros com tão pouco...

O relato do velho Dudu havia tocado o coração das duas mulheres. Setenta encontra algumas palavras de conforto:

- Ter bens e dinheiro às vezes não significa ser rico. O senhor tem a verdadeira riqueza, seu Dudu. Tem a amizade, o carinho e o respeito de todos que o cercam. E o mais importante: o senhor é útil e por isso é feliz onde vive.

Dudu sorri, vendo a certeza daquelas palavras florir nos olhos da mulher.

Ter bens e dinheiro às vezes não significa ser rico. A verdadeira riqueza está na amizade, no carinho e no respeito de todos que o cercam.

Amor de mãe

Entre linhas e bordados, roupas e remendos, a mulher dos cabelos brancos ainda tinha tempo de ver rostos preocupados por aqueles corredores. Mesmo que seja um rosto sem rugas.

- Por que a pressa, Alice? - pergunta Setenta à moça que passava, com uma bandeja nas mãos.

- Bem, Setenta, eu tenho certeza de que havia trazido mais uma caixa de remédios, mas ela não está aqui. Vou ver se deixei na farmacinha.

Setenta preocupa-se também.

- De onde você veio agora?

- Bem, eu fui ao quarto de Rosália, Esther e Afrodite e, por último, Benedita.

Setenta levanta-se, interrompendo o conserto que fazia numa blusa velha.

- Benedita! Vamos ao quarto dela.

A mulher foi seguida por Alice, Magdalena e Dudu. Quando chegam à porta do quarto, Setenta grita a tempo de interromper a mulher que levava à boca, a mão cheia de comprimidos.

- Não faça isso, Benedita! Não vai resolver o seu problema.

Ela abaixa a mão. Seu rosto estampava todo o desespero que sentia.

- É a única solução que me resta. Eu preciso morrer pra acabar com esse sofrimento.

Setenta senta-se na cama pegando de volta os comprimidos e devolvendo-os à Alice. Benedita debruça-se em seu ombro para chorar, mais uma vez, o seu pranto de saudade.

- Meu filho! O que será que aconteceu com meu filho?

Enquanto isso, Alice, um pouco chateada com a história, agradece Setenta e retorna para informar o caso à Joana. Setenta diz, em resposta àquelas lágrimas que caíam:

- O suicídio não é a solução que Deus gostaria que a gente arranjasse para os nossos problemas. Vamos esperar mais um pouco. Cada dia é diferente do outro. Quem sabe, num desses, a alegria volta pra sua vida.

Benedita desabafa. Desde que seu filho partiu para o garimpo, há dezoito anos, sua saudade era maior a cada dia, a cada hora...

- Todos os dias pra mim são iguais, desde que meu filho foi embora. Vivo esperando, esperando e nada acontece. Everaldo não vai voltar...

- Eu não teria tanta certeza, minha amiga. Junto à sua saudade existe um motivo muito forte que ainda pode mudar essa situação.

Benedita ergue seus olhos em direção àquele rosto enrugado de bondade e esperança. Setenta conclui:

- Esta vida nossa é muito incerta, mas podemos prever algumas coisas e esperar por elas. Fatalmente acontecem, mesmo que demore dezoito anos. Seu filho vai voltar. Ele tem um grande motivo pra voltar. E esse motivo é o amor de mãe que a gente nunca esquece. Em qualquer parte do mundo, ao lado de qualquer tesouro, desfrutando de inúmeros amores, o homem chora, certo

dia, a falta do amor de mãe, o mais puro e mais sublime amor que Deus deixou cair, com a chuva, na terra.

Benedita deixa nascer em seu rosto um pequeno sinal de amor à vida.

- Obrigada, Setenta. Eu sei que você quer apenas me animar; mesmo assim, muito obrigada.

- Não é só isso, minha amiga. Eu creio ainda na sua felicidade. Você também deve acreditar nela. Além do mais pense em seu filho. Será muito triste pra ele chegar aqui e não encontrar mais você. Seu amor de mãe é capaz de entender o que eu digo.

O suicídio não é a solução que Deus gostaria que a gente arranjasse para os nossos problemas.

Amor de mãe é o mais puro e mais sublime amor que Deus deixou cair, com a chuva, na terra.

Empréstimo a Deus

O domingo chegou e a feira renasceu. O barulho das conversas e o movimento das pessoas agitavam o lugar. Outra vez, a Barraca dos Velhinhos estava um sucesso. Os fregueses simpatizaram-se com aqueles cabelos brancos e o exemplo de vida que as idosas criaturas passavam a todos eles. Muitos nem pesquisavam para garantir um menor preço dos produtos. Faziam questão de comprar ali. A alguns metros da barraca, sentada ao chão com uma criança no colo, uma senhora estendia a mão. Seu braço, já curvo pelo tempo de vida e pelo tempo de espera em vão, demonstrava todo o desprezo pela existência e a ausência de fé no ser humano. Suas roupas desfiadas pelo corpo cobriam a custo a vergonha do estado em que chegara e do momento que precisava enfrentar. A criança buscava o seio na esperança do pouco alimento que tinha. No vai e vem das pessoas diante de tantos produtos que o ambiente oferecia, aquele quadro era o menos apreciado, o menos visto, o que menos chamava a atenção. Era um simples detalhe da paisagem que circundava aquele oásis de fartura e oportunidades. Era preciso caminhar sempre mais rápido em busca do melhor, e a paisagem, nesse caso, é o que menos importa. Setenta não se mostrou indiferente à súplica daquele olhar e convidou a mulher para ir até a barraca. A surpresa misturou-se a um leve sorriso quando ela ultrapassou a sombra imaginária do toldo que cobria o local. Ofereceram-lhe água e alimento. Magdalena presenteou algumas peças de roupas a ela e à criança, enquanto Setenta lhe deu parte do lucro da feira.

Quando ela se retira, Magdalena comenta em voz alta:

- Parece que exageramos na boa ação. Nosso lucro hoje, com a partilha, ficou bem menor.

E a voz de Setenta, embargada pela emoção da felicidade, ressoa como suaves sinos em noite calma de Natal:

- Não houve exageros. Era o que podíamos doar. E o nosso lucro ficou bem maior depois da partilha. A mulher precisava de ajuda e quando auxiliamos a quem realmente necessita, nosso ato chega ao conhecimento de Deus. É como se fosse um empréstimo. Ele devolverá, na hora certa, o que foi ofertado em quantidade infinitamente superior.

- Você fala com inexplicável certeza, Setenta...

- Não há dúvidas sobre a bondade de Deus. Ele nos quer sempre felizes e regularmente interfere, junto ao destino, pela nossa felicidade.

*Quando auxiliamos a quem realmente necessita, nosso
ato chega ao conhecimento de Deus.*

*Deus nos quer sempre felizes e regularmente interfere,
junto ao destino, pela nossa felicidade.*

O sentimento amor

No asilo reinava um ar de contentamento, mostrando que tudo ali havia se modificado. Era a premiação recebida. O dinheiro das vendas foi suficiente para pagar o restante na farmácia, e o que fosse conseguido na próxima feira seria usado para reabastecer a despensa. Agora somente as tardes de domingo eram monótonas, sem nenhuma atividade. A maioria dos velhinhos, exceto os que foram trabalhar na feira aquele domingo, tinham ido à missa de manhã agradecer a Deus o bom andamento dos trabalhos e, outra vez, estavam todos ali, descansando em seus leitos ou sentados em velhos bancos, apreciando o cair da tarde e a chegada da noite que se desenhava outra vez chuvosa. Setenta, no entanto, estava colocando em prática mais uma de suas ideias. Magdalena observava, com atenção, o trabalho.

- Agora só falta esse ponto aqui pra fechar e já está pronto. Ai está, Magdalena: um gatinho feito de tecido. Podemos fazer também ursos e cachorros. Será que os fregueses vão se interessar?

- Tenho certeza que sim - responde Magdalena. - ficou lindo! E não é difícil de fazer. Já temos um para o domingo que vem.

- Não, minha amiga. Esse já tem dono. Eu fiz pra Cândida. Vai fazê-la esquecer o seu gato.

Magdalena admira-se:

- Um gato de mentira pra esquecer um de verdade? Não sei não, Setenta...

- Você vai ver. Vamos entregar? Lá está ela, na sala de refeições.

Cândida recebe o gato com surpresa. A alegria que se faz em seus olhos acaba com quase todas as dúvidas de Magdalena. Agora era só esperar. A mulher agradece:

- Obrigada, minhas amigas. Ele é bonito demais! E... que nome darei a ele?

Setenta sugere:

- Por que não “Nininho”? Eu sei que você vai gostar dele tanto quanto gosta do seu outro gato.

Cândida acha a ideia excelente e sai brincando com seu novo amigo. As duas outras mulheres retornam para o pátio, no momento em que uma notícia se espalhava de boca em boca no local. No asilo é assim: um minuto é suficiente para que um acontecimento seja revelado a todos eles. Esther veio ao encontro delas.

- Vocês já ficaram sabendo? Cesarina e Manoel estão de namoro. As más línguas dizem até que foram vistos se beijando. Veja só! Naquela idade!

Setenta sorri, contente com o caso.

- Mas que bela notícia, Esther!

A mulher surpreende-se:

- Setenta?! Dizem que eles vão pedir ao seu João pra se casarem!

- E fazem muito bem.

- Mas eles devem ter quase setenta anos! Nenhum deles tem menos que isso. Onde já se viu?

Setenta sorri, exibindo o seu costumeiro ar de ternura.

- Esther, não vejo nada de errado no romance dos nossos amigos. O amor é sentimento; não vê rosto bonito, não

vê idade. Ele também vive entre as rugas, também brilha nos olhos que o tempo escolheu pra si. No amor se dá o coração, mas principalmente se dá a alma.

Esther nada diz. Para e pensa nas palavras de Setenta, que conclui:

- Se eles resolverem mesmo se casar, têm o meu apoio. E eu acho que o seu João não vai se importar. Sabe o que mais? Vamos fazer uma festa aqui no dia do casamento.

Esther se anima com a ideia da festa e sai espalhando a mais recente notícia.

O amor é sentimento; não vê rosto bonito, não vê idade.

No amor se dá o coração, mas principalmente se dá a alma.

Animais de corte

Era um dia bonito. Amanheceu nublado, mas não chovia. Sua beleza estava nas cores vivas das plantas e das flores, na alegria dos pássaros e na preguiça do sol que pouco fazia para que seus raios ultrapassassem aquela barreira de nuvens e neblina. Quase todos no asilo tinham se levantado e alguns já se preparavam para a sequência dos trabalhos. Tudo parecia calmo, mas a rotina de sempre, que já havia chegado ao portão principal, não entrou dessa vez. Um grito repentino vindo de um dos quartos ecoou no asilo. Muitos correram para o local. Joana chegou ao mesmo tempo que Setenta e Magdalena. Uma voz, no meio do tumulto, esclarece o ocorrido.

- Rosália morreu! Encontrei-a morta agora cedo. Ah, não! A minha companheira de quarto...

E o dia tão bonito se fez triste. O asilo inteiro parou. Espalhados por todos os cantos, os velhinhos tinham os olhos fixos no infinito e o pensamento perdido entre as nuvens que passavam. A ausência da companheira foi muito sentida; algo mais, porém, voava junto com aqueles pensamentos. Parece que a palavra “morte” havia tocado fundo os seus corações. Mesmo já tendo perdido outros componentes do asilo, mesmo compreendendo melhor a vida, aquelas pobres criaturas não aceitavam a presença da morte e, principalmente, a indiscutível verdade de que o caminho conhecido, percorrido aqui na Terra, estava na reta final para todas elas. Naquele momento todos se sentiam animais de corte, presos no curral, esperando o dia

certo de serem abatidos. Setenta percebeu esse desalento e tudo fazia para espalhar um pouco de paz pelo chão do asilo. Um a um, tentava animá-los:

- Não vejam a morte como um fim; vejam como um começo. Ninguém pode dizer que tudo acabou. A vida é assim: nenhuma barreira impede o seu curso. Feito água, ela se junta por algum tempo e logo alcança o cume para seguir seu caminho.

- Seria melhor se a gente não morresse - comenta um deles.

- Seria mais cômodo, porém nos tiraria a oportunidade de conhecer novos mundos, novas atribuições, novos segredos.

- Agora não somos mais setenta - alguém diz.

A mulher não concorda.

- Nós sempre seremos setenta. O contato morreu, porém as lembranças são eternas. Rosália viverá pra sempre em nossos corações, em nossos dias.

O caixão foi colocado na área das refeições, sobre uma das mesas, para facilitar a despedida de todos. À tardezinha, depois da visita do padre e uma comovente oração, o cortejo saiu, tendo à frente João e sua esposa Joana, imensamente abatidos pela morte da mulher. Na verdade era um filho que perdiam; um filho de noventa e dois anos.

A vida é assim: nenhuma barreira impede o seu curso.

*Feito água, ela se junta por algum tempo e logo
alcança o cume para seguir seu caminho.*

Um coração que bate por setenta

No asilo os dias passam alternando sol e chuva, alegrias e tristezas. O sol brilha por mais tempo, porém as tristezas se fazem mais presentes no dia a dia de todos do lugar. Consequentemente, apesar da ajuda de Setenta, as lágrimas ainda superam os sorrisos. João chegou mais cedo do trabalho e, no seu semblante, trazia mais do que a habitual preocupação com as dificuldades do asilo. Joana nota imediatamente a diferença.

- O que foi, João? Você nunca chega cedo assim.

O homem senta-se no sofá. Sua esposa aproxima-se, tocando-lhe as mãos. Com esforço, ele diz:

- A fábrica, Joana... a fábrica fechou suas portas. E não fui capaz de impedir isso. Que grande gerente eu fui! Eu a levei à falência.

- Não é verdade, João. Você sempre foi um funcionário dedicado.

- É, mas isso não foi o bastante. Faltou alguma coisa que eu não soube... não soube criar... E agora, o que vamos fazer? E os nossos velhinhos? Como vão ficar? O salário que eu recebia era a renda maior que tínhamos. Sem ele a situação que já é ruim, agora... nem quero pensar.

A mulher tenta confortá-lo.

- Nós temos a ajuda da Setenta e dos velhinhos. Você esqueceu?

- Minha querida, apesar do esforço de todos eles, só o dinheiro da feira é pouco pra manter de pé esse asilo. E não

podemos deixá-los trabalhar assim o resto de seus dias. Eu... como pude ter sido tão incapaz?

Joana abraça-se ao esposo.

- Você nunca me falou que a fábrica também passava por dificuldades, querido.

- Eu não queria lhe dar mais essa preocupação - esclarece João. - basta o cuidado que você tem com todos aqui em casa. Eu... Ah!!

- João! O que foi, João? Neusa! Joana D'arc! Ajudem aqui, por favor...

O homem foi levado imediatamente para o hospital. Havia sofrido um infarto. Joana acompanhou, apreensiva, o tratamento médico dispensado a ele e, depois dos primeiros resultados, tranquilizou-se um pouco. Muito repouso, no entanto, era necessário. No asilo, a preocupação crescia a cada minuto. As notícias enviadas por Joana não eram o bastante para tirar a aflição dos seus moradores. Nesse momento, todos sentiram o quanto ele era querido, o quanto era importante para eles.

- Quantas vezes nós deixamos de conversar com ele! Estava ali em nossa frente e nada dissemos.

- E pensar que trabalhou a vida inteira pra manter de pé o nosso asilo!

- Eu nem pensei em agradecer por tudo o que tem feito por nós...

- Quando ele voltar, é a primeira coisa que vou fazer.

Foram quatro dias de angústia. No quinto dia, João foi recebido de volta no asilo por todos os velhinhos que foram, em pequenos grupos, ao quarto dele, demonstrar a alegria que sentiam pelo seu retorno. Setenta foi uma das últimas pessoas e entrou ao lado de sua inseparável amiga Magdalena. João,

recostado num travesseiro sobre a cama, sorri com a chegada das duas senhoras.

- Pensei que vocês não viriam me ver - graceja ele.

- A nossa preocupação era a mesma dos outros - responde Setenta. - fomos passadas pra trás, isso sim.

- Sentimos muito a sua falta - conclui Magdalena.

- Obrigado, minhas amigas - agradece João.

Joana, sentada aos pés da cama, comenta:

- Ele tem que ficar algum tempo de repouso e tomar alguns remédios.

- Isso quer dizer - explica João. - que eu não vou poder trabalhar por um bom tempo. E a fábrica também fechou. Se eu melhorar, terei que arrumar um outro emprego. Até lá contamos com o trabalho de vocês. Quem sabe eu ainda poderei ajudar um dia...

Setenta nota a preocupação do homem.

- Não precisa se preocupar, seu João. Se Deus fez nossa história assim, não se esqueceu de fazer o caminho que nos levará à saída. A feira está indo bem e podemos fazê-la render um pouco mais. Eu só não gostei de uma coisa.

- De quê? - pergunta, curioso, o homem.

- Não gostei da falta de otimismo, da falta de esperança que transmitiu em suas palavras. O senhor não pode esquecer que a sua vida não lhe pertence mais. Ela é de todas essas pessoas que vieram aqui há pouco. O seu coração é o coração de todos nós. Ele bate por mais setenta pessoas.

O homem sorri, mais uma vez.

- Obrigado, Setenta. Só você é capaz de tanto. Meu coração vai melhorar.

- Claro que vai - repete Setenta. - já pode ir pensando em outro trabalho. E não se esqueça: se a esperança correr em

suas veias, vai chegar ao seu coração; e a esperança é luz que ilumina os caminhos da vida.

*Se Deus fez nossa história assim, não se esqueceu de
fazer o caminho que nos levará à saída.*

A esperança é luz que ilumina os caminhos da vida.

Neblina do medo

João foi restabelecendo-se um pouco a cada dia. O seu caso, porém, era mais grave do que se pensou. Após os resultados de alguns exames, foi constatado que ele teria que se submeter a uma intervenção cirúrgica. A notícia foi recebida com tristeza por todos. Enquanto isso, Setenta intensificou, na medida do possível, os trabalhos. A ideia da confecção dos bichinhos de pano já começava a dar resultados. Entretanto, como havia previsto João, só o dinheiro da feira era muito pouco e a situação do asilo estava ficando crítica. Agora ainda havia surgido a necessidade de conseguir o dinheiro para pagar os custos da cirurgia. Pereira, que trabalhava na horta, sugeriu a abertura de mais uma Barraca dos Velhinhos em outra feira da cidade, e setenta incentivava os operários de cabelos brancos e os conscientizava da importância de aumentar a produção.

Joana mostrava-se bastante preocupada com a situação financeira e também com os seus velhinhos que tanto se dedicavam ao trabalho. Esperar uma ajuda da Assistência Social era voltar a sonhar. Os dias passavam, aumentando a necessidade de se realizar a cirurgia de seu esposo.

Já era noite. O jantar havia terminado. Neusa e Joana D'arc arrumavam a cozinha e Joana aproveitou para dar um pouco mais de seus cuidados a João, que não se sentia bem naquele dia. Estava deitado e nem havia tocado no prato de comida. Joana sentou-se na cama, trazendo consigo o remédio próprio daquela hora. Nesse instante alguém bate à porta do quarto e pede

para entrar. Com surpresa Joana recebe a inesperada visita. Era Ritinha, que chegava trajando a sua velha blusa.

- Eu queria falar com a senhora, dona Joana.

- Entre dona Ritinha. A senhora sabe que não precisa pedir pra entrar. Senta aqui nessa cadeira.

Ela senta, olha para João e, depois de alguns instantes, diz:

- Dona Joana, a senhora ainda não tem o dinheiro pra operação, não é?

- Ainda não, dona Ritinha. Mas eu sei que Deus vai nos ajudar a consegui-lo. Como diz Setenta, não podemos perder a fé e a esperança. São as duas cartas mais importantes do baralho da vida. Logo, logo João poderá fazer o seu tratamento.

A mulher coloca a mão no bolso de sua blusa e tira o velho maço de notas.

- Eu... eu tenho o dinheiro. Trouxe pra senhora. Não é muito, mas deve dar. Aqui...

Joana olha nos olhos da pobre mulher e não contém um soluço de emoção. Ninguém mais do que ela sabia e se preocupava com aquela alma que andava por aí contando as notas amassadas e fora de circulação. Era grande a importância que dava àquele dinheiro. A oferta era uma prova de imenso carinho. Joana ajoelha-se ao lado da cadeira, tocando as mãos da amiga. As lágrimas que caíam falavam por ela. Ritinha insiste:

- Pega, dona Joana. É muito pouco?

Entre soluços, Joana diz:

- Eu não posso aceitar, minha amiga. Esse dinheiro é muito importante pra senhora. Fique com ele.

- Não é mais importante - diz a mulher. - a Setenta me disse que o asilo não vai acabar e que eu nunca vou ser mandada embora. Então eu não preciso mais dele.

Joana compreende o que se passa e prefere ser sincera com a mulher.

- Eu fico muito feliz por entender tudo isso e por ter vindo nos ajudar nesse momento tão difícil. Mas é bom a senhora saber que essas notas já não valem mais nada. O dinheiro é velho, não compra nem um remédio desses.

Ritinha abaixa a cabeça.

- Eu acho que já sabia disso. A Setenta falou... a senhora me perdoa?

Um abraço carinhoso aperta ainda mais os laços de amizade que prendiam aquelas duas criaturas.

- Quem faz o bem não precisa de perdão - diz Joana. - e nunca mais precisa ter medo de ir embora do asilo. Isso nunca irá acontecer. Eu, o João, todos nós gostamos imensamente da senhora. Vamos viver juntos até o fim.

A mulher sorri, levanta-se apoiada em Joana e sai. Ao passar pela cozinha, joga o velho maço de notas na lata de lixo. Era a vida que voltava a nascer naquela mente até então envolta pela neblina do medo da velhice.

*A fé e a esperança são as duas cartas mais importantes
do baralho da vida.*

Das nuvens do sonho para o chão da realidade

Uma nova equipe estava sendo formada para trabalhar na segunda Barraca dos Velhinhos. Setenta pretendia dobrar as vendas, e a escolha dos vendedores era muito importante. A simpatia e o sorriso deviam estar sempre acima das tristezas e do peso da idade. Magdalena comenta:

- Seu André pode ser um deles. Está muito animado com o trabalho. Veja só: está sempre sorrindo. Parece até que não vive em cima de uma cadeira de rodas...

Nesse instante, Magdalena apercebe-se da mudança ocorrida com aquele homem.

- Mas, Setenta, você conseguiu! Ele está totalmente diferente. Não há nem mais a sombra daquele homem triste, de mal com a vida. Ele vivia chorando. Eu nem acredito!

A mulher sorri, fazendo as rugas da face se unir em um suave abraço.

- Deus sempre nos oferece a oportunidade de mudança. É só querer e o caminho por onde passamos estará cheio de flores e de sorrisos. Seu André superou a angústia de não poder andar e hoje anda ao lado da alegria.

Depois de uma pausa, arrematando mais uma costura de um ursinho de pano, conclui:

- Eu acho que você tem razão. Seu André vai adorar trabalhar aos domingos na feira. Eu também estava pensando na Cesarina e no Manoel. O amor traz para o rosto a mais bela das alegrias. E nós duas iremos também no primeiro dia.

Nesse momento passa pelas mulheres uma conhecida figura. Os mesmos passos largos e pesados de sempre. A costumeira voz estridente, porém, estava presa.

Magdalena diz:

- Mas o que está acontecendo com a Das Graças? Lá vai ela, apressada como de costume, mas eu não ouvi a sua voz. Só pode ser você, Setenta, mudando todo mundo no asilo...

Setenta ia dizer algo, mas aqueles passos pararam de repente e reiniciaram a caminhada de volta até as duas mulheres.

- Setenta, eu queria falar com você. A sua voz está atazanando a minha cabeça faz um tempão. “Você precisa saber sonhar”; “deve construir sua realidade”; “sonhar com os pés no chão”. Eu já estou ficando maluca! Nem tenho mais tempo de escolher os meus números e, por falta deles, não joguei da última vez. Setenta, o que está acontecendo comigo?

O olhar terno de quem pega um bebê no colo e uma voz calma como a chuva fina que acalenta o sono receberam a mulher.

- Senta aqui ao nosso lado, minha amiga, e jogue fora a sua preocupação. Você apenas se despertou para a vida. Está pulando das nuvens do sonho para o chão da realidade. Fico feliz por saber que, em sua mente, os números estão sendo trocados pela vontade de viver.

- Eu não entendo direito o que você está falando, mas acho que numa coisa tem razão. Aquele dia você me disse que eu precisava fazer alguma coisa. E é verdade. Eu não consegui fazer nada até hoje. Só fiquei sonhando, sonhando...

De repente a mulher arregala os olhos e a sua voz estridente diz o que realmente queria:

- Setenta, eu quero trabalhar. Arranja um serviço pra mim. Não é certo todo mundo trabalhar e eu não. Eu também quero ajudar o seu João. Você arranja? Arranja?

- Claro que sim, minha amiga. O que você quer fazer?

- Qualquer coisa - diz a apressada mulher.

- Então eu e a Magdalena vamos te ensinar a fazer os bichinhos de pano. Olha aqui. Estou terminando esse. Não é difícil.

Ela deposita os seus olhos e a sua vontade naqueles tecidos. Mas logo Setenta nota que a explicação não estava sendo mais ouvida. O olhar da mulher estava parado e o seu pensamento corria num dos caminhos do infinito.

- Você quer me dizer mais alguma coisa? - pergunta Setenta.

- Oh! Desculpa. Eu estava pensando. Queria te falar uma coisa, mas estou com vergonha... é um outro sonho.

Setenta sorri, tranquilizando a mulher:

- Não é proibido sonhar; não se pode deixar de viver. Pode falar, minha querida.

- Olha, eu queria, sabe... desde criança eu queria... ora, é uma bobagem. Eu queria ler e escrever. Igual o seu André, a Alice... não vai rir de mim, viu, Setenta!

- Mas isso é tão lindo!

- É o meu maior sonho - a mulher abaixa o rosto. - mas acho que agora é tarde...

A voz da velha conselheira demonstra uma ternura especial:

- Oh, minha amiga! Se você quiser mesmo, vai aprender a ler e escrever. Nunca é tarde pra construir a sua realidade.

Não se pode jogar fora um sonho lindo assim.

Ela levanta o rosto.

- Mas, Setenta, você sabe quantos anos eu tenho? A morte me pega antes de conseguir fazer a primeira letra.

- Não pense assim. Ninguém sabe o dia de sua partida e não se pode viver esperando por ele. Nunca podemos desistir da vida. O sétimo mandamento da velhice diz que devemos viver até o último dia. Viver realizando, viver aprendendo. Olha, a Alice vem ali. Vamos pedir pra ela te ensinar?

A mulher pensa por um momento.

- Será que eu dou conta?

- Pode ter certeza. Todo sonho, um dia, se torna um pouco realidade.

*Deus sempre nos oferece a oportunidade de mudança.
É só querer e o caminho por onde passamos estará cheio
de flores e de sorrisos.*

O amor traz para o rosto a mais bela das alegrias.

Não é proibido sonhar; não se pode deixar de viver.

*Ninguém sabe o dia de sua partida e não se pode viver
esperando por ele.*

Todo sonho, um dia, se torna um pouco realidade.

Uma semente de esperança

A segunda barraca dos velhinhos estava sendo inaugurada na feira do lado sul do asilo. André, Cesarina e Manoel atendiam os primeiros fregueses, enquanto Setenta e Magdalena organizavam algumas mercadorias. Uma grande variedade de verduras, bichinhos de pano, doces e cabelos brancos enfeitavam a barraca. De repente, aproveitando a breve ausência dos guardas, um grupo de rapazes sujos e mal vestidos chegou empurrando as pessoas e levando diversas mercadorias dos velhinhos. André se exalta:

- Vândalos! Tanta barraca por aí e foram escolher justamente a nossa.

Setenta dá um passo à frente e grita um nome:

- Sérgio!

O último dos rapazes, ao ouvir o seu nome, para virando-se para trás, encarando dois olhos conhecidos e cheios de bondade. Os outros voltam e arrastam-no pelo braço.

- Vamos embora, “bicho”! Os guardas vêm aí.

Sérgio, que tinha nas mãos um saquinho de tomates, disse:

- Podem ir vocês.

Eles estranham a atitude.

- Mas o que é isso? Virou “maricas”? E o juramento da “gang”?

O rapaz tinha os olhos presos no olhar de Setenta. Solta o seu braço e fala decididamente:

- “Pro” inferno o juramento. Eu não vou mais com

vocês. Procurem outro bobo.

- Vamos, turma. Ele “pirô”!

E enquanto os outros fogem no meio do povo, Sérgio retorna à barraca e devolve os tomates.

- Perdoem todos eles. Estão roubando pra comer. Não comemos nada a noite toda.

Setenta o acolhe.

- Venha pra dentro, meu filho. Vou arrumar alguma coisa pra você.

O filho de Aparecida senta num velho tamborete, no canto da barraca. A mulher lhe dá alguns salgados, que ele apressadamente come. Os guardas estavam passando por ali naquele instante. Depois de certificar-se da ausência deles, o rapaz diz:

- Os guardas passaram e você não me entregou a eles...

A bondosa mulher fala de coração:

- Você não é como os outros. A prova disso é que voltou e devolveu os tomates.

E olhando em seus olhos, Setenta completa:

- Meu filho, a sua mãe ficaria ainda mais triste se soubesse direito da vida que está levando. Aqueles rapazes não são seus amigos e você não tem nada que o prende a eles. Volte pra sua mãe. Ela fala em você todos os dias. Não a deixe ir embora desse mundo sabendo que você vive sofrendo por aí, rodeado de drogas e maus elementos. Seria muito triste pra ela.

Depois de um pequeno instante de silêncio entre os dois, quando os preços das mercadorias ecoaram de barraca em barraca, o rapaz desabafa:

- Eu não dou mais conta de voltar atrás, Setenta... é tarde demais.

- Eu não quero que volte pelo mesmo caminho. Quero que ande por uma estrada diferente, onde poderá encontrar amor e alegria ao lado de sua mãe. Veja em volta: quantas pessoas vivem honestamente! Felicidade é o principal produto que elas têm. Você é capaz de viver assim.

Sérgio levanta-se pensativo e vai saindo. Agradece os salgados e faz um pedido à mulher:

- Não deixe a minha mãe ficar sabendo o que aconteceu aqui. Por favor...

E sumiu entre as pessoas, levando consigo uma semente de esperança jogada por Setenta no seu indeciso coração.

Quantas pessoas vivem honestamente! Felicidade é o principal produto que elas têm.

Ninguém deve viver sozinho

Três semanas foram o bastante para Setenta e os velhinhos conseguirem grande parte do dinheiro necessário à cirurgia; o restante seria pago um mês depois. Além da feira, aqueles que tinham aposentadoria ofereceram a pequena, mas importante quantia que recebiam cada mês. O dia e a hora foram marcados e João, levado ao hospital. Enquanto isso, havia chegado o momento do almoço no asilo. As grandes mesas estavam rodeadas de olhares preocupados. Na ausência de Joana, Magdalena tomava para si as obrigações. Depois de levar o costureiro prato de comida do Pereira, sentado no habitual banco perto da horta, a mulher volta e, num gesto seu, todos dão as mãos para o agradecimento. Magdalena ora, com emoção:

- Senhor, nosso Deus. Estes seus filhos que aqui se encontram querem agradecer pelo alimento que nos dá neste dia. E muito mais do que isso, a nossa oração pede proteção àquele que é o motivo da nossa presença aqui neste asilo. Daqui a uma hora começa a cirurgia do seu João e somente o Senhor, com a sua infinita bondade, pode ajudar nesse momento. Sem ele, o nosso lar não tem mais razão de existir. Rezemos agora a oração que nos ensinou: “Pai nosso que estais no céu...”

Os olhares foram abaixados e as mãos, apertadas, fortalecendo aquela corrente de oração. Todos os pedidos foram feitos para o total restabelecimento daquele homem

que sempre cuidou de todos com tanto carinho. Nesse momento, um prato é colocado num canto da mesa e duas mãos frias abrem aquela corrente de fé e alguém se põe dentro dela. Era Pereira que, se colocando entre Setenta e Magdalena, também veio orar por João. No final da oração não volta para o seu banco; pega o prato e faz sua refeição ali na mesa junto aos outros. Setenta alegre-se imensamente com o ocorrido. Aquele seria, sem dúvida, um dia de imensa felicidade. Haveria de ter sucesso a cirurgia e Pereira voltava a participar do grupo, a viver normalmente dentro do asilo. Servindo-lhe a salada, comenta:

- Estou feliz pela sua decisão, seu Pereira. Há muito tempo eu rezava por isso. A sua presença junto aos outros é muito importante. As suas ideias, o seu trabalho são indispensáveis para a felicidade de cada um deles. Muito obrigada.

- Sou eu quem deve agradecer - diz o homem. - seus conselhos e o seu modo de vida fizeram mudar os meus pensamentos. Obrigado por tudo que tem feito pela gente. Eu estava errado vivendo longe dos outros.

- Que bom que o senhor percebeu isso. Ninguém deve viver sozinho; não só por si mesmo, mas por todos que precisam de sua ajuda. O homem é mais um fruto da terra, que serve e alimenta a alma de seus semelhantes.

O almoço prosseguiu, enquanto a esperança brincava nos olhos de cada um, dizendo que o impossível não fazia parte daquela mesa.

*Ninguém deve viver sozinho; não só por si mesmo, mas
por todos que precisam de sua ajuda.*

*O homem é mais um fruto da terra, que serve e alimenta
a alma de seus semelhantes.*

As aves do desengano

Magdalena cuidava da cozinha e Setenta caminhava no pátio depois do almoço, esperando o momento de recomeçar os trabalhos. A segunda barraca havia apresentado uma excelente venda. A produção deveria ser mantida e, se possível, aumentada. Envolvida em seus pensamentos, demora a notar a presença de alguém que caminhava perto dela. Era Aurora, sua companheira de quarto.

- Em que está pensando, Setenta? - pergunta a mulher.

- Nos trabalhos e no seu João. Deus vai abençoar e tudo dará certo. E você, Aurora, me parece que não dormiu bem ontem à noite. Rolou na cama o tempo todo.

- Eu estava pensando no fantasma. Faz muito tempo que ele não aparece. Estava com saudade dele e resolvi ficar acordada pra esperá-lo. Quem sabe ele passou outras vezes e eu estava dormindo. Mas ontem eu vi que foi realmente embora. Não voltará mais. Você estava certa; ele encontrou outro lugar.

Setenta olha o enrugado rosto da mulher.

- Não fique triste por isso, minha amiga. Os fantasmas também têm o direito de escolher seu lugar pra morar. Se ele foi embora é porque se sentiu mais feliz em outro lar. E você agora pode dormir tranquila sem se preocupar com ele.

Nesse momento, um carro do ano, último modelo, para em frente ao asilo. Setenta volta-se quando Amarildo passa apressado por ela.

- É minha filha, Setenta. Veio me buscar. Ela se lembrou de mim.

Setenta se posta a uns dez passos do portão. No volante estava um homem alto, com os óculos escuros nas mãos, olhando com desprezo o asilo. Amarildo fica em pé na entrada, enquanto uma mulher desce do outro lado. Estava muito bem vestida e trazia nos olhos os prazeres de uma vida farta em bens materiais. Depois de um rápido abraço, ela dá um passo à frente, olhando o interior do asilo. A impressão era de que sua riqueza não se sentia bem, ultrapassando a entrada do lugar. Setenta não ouvia o que falavam, sabia apenas que aquela visita não traria grandes alegrias ao seu esperançoso amigo. Depois de alguns minutos, a jovem mulher volta ao carro, que sai a toda velocidade deixando uma pobre criatura entregue à sua tristeza, à sua amargura. Amarildo permanece parado no portão, estático. Setenta aproxima-se. O homem não suporta a dor e joga-se nos braços dela.

- Ela não veio me buscar, Setenta. Queria me levar para um asilo melhor. Foi embora o meu sonho de morar com ela, de brincar com os meus netos. Ela me contou que está grávida.

Setenta se esforça para consolar o pobre homem.

- Não seja triste por isso, seu Amarildo. Na vida devemos estar preparados para os desenganos. Eles são tão frequentes quanto as aves noturnas do céu de lua cheia. E, na verdade, o senhor já sabia o final da sua história.

Amarildo concorda:

- Você tem razão. Eu já não esperava muito de minha filha. O dinheiro mudou a sua vida, os seus pensamentos...

Um instante de silêncio se faz.

- Mas para outro asilo eu não quis ir. Aqui é o meu lugar, ao lado de todos vocês que são meus amigos. Disse isso a ela.

- O senhor fez bem. É muito querido por todos nós. Essa é sua verdadeira família. Claro que por aqui também passam as aves do desengano, mas são muito raras nesta parte do céu. Foi bom tudo isso acontecer, pois assim terminou sua espera e agora o senhor pode voltar a ser feliz.

E como último conselho...

- Reze por sua filha; ela precisa de muito mais proteção do que nós.

O portão se fecha, deixando de fora a pobreza.

*Na vida devemos estar preparados para os desenganos.
Eles são tão frequentes quanto as aves noturnas do céu
de lua cheia.*

O curso da vida

Magdalena encontra Setenta e Maria das Graças trabalhando na confecção dos bichinhos de pano. A cozinha pós-almoço já estava arrumada e a mulher voltava para ajudar suas amigas. Quando se aproxima, Maria das Graças se apressa:

- Foi bom você chegar. Assim eu já posso ir pra minha aula. Alice já deve estar me esperando.

- Como você está indo? - pergunta Setenta.

- Muito bem - responde a mulher. - já estou conhecendo as letras. Alice tem muita paciência comigo. Ela falou que não demora e eu vou escrever o meu nome. Já pensou, Setenta, eu escrevendo o meu nome?

- Eu não disse que você daria conta? Logo, logo, vai saber ler e escrever.

A mulher sai feliz com a realidade que brotava da fonte dos seus sonhos. Magdalena, enquanto isso, já entregue novamente ao trabalho, demonstra estar bastante preocupada com a situação atual do asilo.

- Eu sei, Setenta, que até agora as coisas estão indo bem... difíceis, é verdade, mas estamos conseguindo levar em frente sem a ajuda do seu João. Porém acho que, diante das necessidades que temos, a nossa produção não será suficiente. Tenho medo até mesmo do pessoal se cansar e não sermos capazes de manter nem o atual rendimento. Você entende a minha preocupação, não é?

- Entendo, minha amiga - responde Setenta. - você está certa. Alguma coisa diferente precisa acontecer. E vai

acontecer. Deus está presente nessa certeza. Não perder a esperança é o oitavo mandamento da velhice.

Depois de recortar um pedaço de tecido, completa:

- O curso da vida é como o curso de um rio; a cada curva tem uma surpresa, uma novidade. Estamos chegando, mais uma vez, numa curva do nosso rio. Vamos torcer pra que seja alegre e bonita a paisagem que iremos ver.

- Você fala de uma maneira tão confiante que eu também não posso deixar de acreditar, de ter esperança. Sabe, Setenta, foi com você que eu aprendi amar verdadeiramente a Deus; acreditar na sua infinita bondade. Suas palavras, seus exemplos fizeram-me conhecer a fé verdadeira. Muito obrigada...

- “Sou feliz por isso” - pensa Setenta.

Magdalena completa:

- Na verdade todos temos que lhe agradecer. Você tem ajudado tanta gente aqui no asilo. Não existe uma só pessoa que não tenha guardado pra si um pouco da sua esperança. Veja só um exemplo...

Magdalena aponta para Cândida, que brincava com o seu gatinho de pano.

- Faz mais ou menos um mês que você lhe deu aquele bichinho e, desde então, ela vive feliz brincando com ele. Deve ter esquecido o gato que sumiu, pois nunca mais chamou seu nome.

Setenta, que se mantivera calada ouvindo a amiga, diz:

- Eu não fiz muito. Apenas trouxe a esperança pra dentro desses muros. É sempre assim: a bondade e o amor podem construir, num segundo, tudo o que uma vida inteira não consegue realizar.

Depois de apanhar a agulha que caiu ao chão, Magdalena fala:

- Acho que todos nós, aqui no asilo, sabemos que estamos perto da partida, como você diz. Eu me sinto assim também, embora bem mais tranquila que antes. Só tem uma ponta de tristeza que eu vou levar comigo. Acho que ainda não lhe disse antes...

Engolindo uma lágrima que tentou nascer em sua garganta, completa:

- Vou embora sem saber o que aconteceu com o meu irmão. Não sei onde ele está, se é feliz, se já morreu...

Setenta para o trabalho a fim de ouvir a amiga.

- Vou lhe contar a história. Eu e meu irmão vivíamos numa fazenda do Norte com nossos pais. Eu tinha uns cinco anos e meu irmão era mais novo que eu. Apesar das dificuldades, a gente era feliz. Um dia, porém, eles brigaram e foi indo até que se separaram. Meu pai foi embora pra outra cidade lá perto e nós ficamos com minha mãe. E ela, coitada, não sei se pela ausência do marido, começou a levar uma vida desregrada, de orgias, até fazer pra si uma casa de mulheres. Meu pai, quando ficou sabendo, foi me buscar. Não queria que eu crescesse naquele ambiente. Meu irmão não foi com a gente; minha mãe não deixou. E assim os anos se passaram. Você sabe como é o Norte: as dificuldades secam as lágrimas e cobrem de poeira a saudade. Muito tempo a gente ficou sem se ver, até que meu pai morreu e eu, já mocinha, resolvi voltar lá pra ver minha família. Mas era tarde. Minha mãe também havia morrido num acidente, e meu irmão, que havia escapado, mudou aqui para o Sul. Foi então que tomei a decisão de também vir pra cá. Guardava comigo a esperança de um dia ver seu rosto no meio dessa multidão. Claro que era uma coisa impossível. Seu rosto de criança nem seria mais o mesmo.

Depois de uma pausa, Magdalena prossegue:

- Hoje só ficou mesmo a lembrança do tempo feliz de nossa infância, quando brincávamos pelo terreiro da casinha velha da fazenda e corríamos em volta do engenho que girava, embalando os nossos sonhos de criança. A gente corria, corria, até cair ao chão...

Setenta se levanta, interrompendo a mulher.

- Você disse engenho? Então, se essa história não for uma coincidência muito grande, eu acho que você acaba de encontrar seu irmão.

- Encontrar o meu irmão? Como assim? – pergunta, apressadamente, a mulher.

- Alguém me contou uma história que também falava de um certo engenho. Vamos lá falar com ele.

E, apoiando-se em sua bengala, a mulher caminha seguida por uma alma confusa, perdida nos trilhos do destino. As duas chegam até a horta. Godofredo estava arrancando, com as mãos, as ervas que nascem junto às verduras. Ao ver as duas mulheres, ergue o corpo, ajeitando a dor em suas costas. Setenta pede para ele repetir o que havia lhe dito alguns dias atrás. O homem fala das lembranças que vêm renascendo ultimamente em seus pensamentos. Magdalena joga-se em seus braços, chorando lágrimas de felicidade. Não havia dúvidas. Tinha encontrado o seu irmão. Passou a vida inteira procurando por ele e ele estava ali, do seu lado, o tempo todo. Havia lhe dado seu verdadeiro nome sem saber que já lhe pertencia. As mãos sujas de terra daquele homem lhe davam o carinho que tinha perdido há muitos anos. Estava assim explicado o motivo de Godofredo fazer parte de um quarto de mulheres. A afeição que unia os

dois conseguira mudar até mesmo as regras do asilo. O abraço era longo e Setenta foi afastando-se, dizendo para si mesma:

- O curso da vida é como o curso de um rio; a cada curva tem uma surpresa, uma novidade...

*A bondade e o amor podem construir, num segundo,
tudo o que uma vida inteira não consegue realizar.*

*O curso da vida é como o curso de um rio; a cada
curva tem uma surpresa, uma novidade.*

Ave ligeira

A cirurgia de João foi realizada com sucesso. As incontáveis preces floridas no asilo foram ouvidas por Deus. Em pouco tempo o homem se restabeleceu e, mais uma vez, foi recebido com muita alegria por todos os seus amigos. A sua volta ao trabalho, no entanto, seria bem mais demorada. As recomendações médicas o proibiam de exercer, por um bom tempo ainda, qualquer atividade. Dessa forma, o asilo continuava entregue unicamente ao trabalho dos velhinhos. Uma ajuda financeira foi oferecida por uma entidade filantrópica. Fazia tempo que isso não acontecia e, na verdade, foi muito pequena; serviu apenas para amenizar um pouco a situação que piorava a cada dia. Os velhinhos trabalhavam e rezavam, acreditando sempre num progresso, numa mudança, numa solução de seus problemas. Setenta brilhava em cada olhar, lutando para não deixar morrer a cor da esperança. Era um trabalho difícil, pois a despensa estava quase vazia e os remédios haviam acabado. Além disso, a entidade que pagava a água e a energia deixou de existir. Assim, a maior parte do resultado da última feira havia sido destinada para esse fim.

Certo dia quando João, Joana, Setenta e Magdalena avaliavam a situação, chegou uma grande notícia que faria real a esperança colocada por Setenta em todos aqueles corações. O Governo do Estado escolheu o asilo, cujas terras lhe pertenciam, para construir uma fábrica. Um novo lar já estava sendo erguido do outro lado da cidade e,

em pouco tempo, todos iriam para lá. A notícia foi recebida com redobrada alegria. Parecia ser um sonho tudo aquilo: um asilo novo, sem goteiras, com camas novas, enfermaria e todas as despesas pagas pelo Governo. Era realidade, no entanto, e a contagem regressiva havia começado. Quando chegasse ao fim, todos os problemas vividos naquele velho lugar deixariam de existir.

- Bem que você dizia, Setenta! Sabia que tudo ia dar certo - comenta Magdalena.

- A minha única certeza - diz a mulher. - é a de que somos importantes para o nosso Deus. Por isso a minha esperança. A maior parte da humanidade passa pela vida sem saber do imenso valor que tem para Deus.

Setenta e os velhinhos ainda trabalhavam, agora mais do que antes, com todas as suas forças, pois precisavam resistir até o dia da mudança. Assim, quando a noite chegava, encontrava todos à procura de seus leitos para o descanso. Porém, no quarto de Setenta, o descanso sempre esperava um pouco mais. Magdalena e Godofredo não cansavam de conversar sobre seus pais e a fazenda onde moravam. O homem, aos poucos, estava recuperando a memória. Havia se lembrado de muitos outros detalhes e Magdalena se esforçava pela sua melhora. Setenta havia deitado, mas logo se levanta para atender um chamado na porta. Era Maria das Graças e Alice que chegavam. Queriam compartilhar com a mulher um pouco de suas alegrias.

- Setenta - diz Maria das Graças. - vim escrever meu nome pra você ver. Alice me ensinou direitinho e agora eu já sei ler e escrever.

A eufórica mulher abre um caderno todo cheio de tarefas onde treinava, e escreve com desenvoltura o seu nome.

Era imensurável sua alegria ao ver o grande sonho realizado. Ela agradece pelo apoio que recebera.

- Obrigada, Setenta, pelo seu incentivo. Se não fosse você, eu não teria realizado o maior sonho da minha vida. Aliás, se não fosse você, eu ainda estaria por aí envolvida com os números. Muito obrigada.

Um abraço carinhoso é trocado entre as duas mulheres. Alice também queria falar com Setenta. Trazia um brilho diferente nos olhos, logo notado pela velha mulher.

- Este brilho nos seus olhos quer dizer que você conseguiu superar a desilusão do seu caminho, não é mesmo?

A moça espanta-se:

- Mas como você é capaz de saber? Eu ainda não disse nada a ninguém. É a primeira pessoa a quem revelo minha decisão; uma decisão que me ajudou a encontrar.

Acompanhada da bela moça, Setenta senta-se em sua cama. Alice prossegue:

- Todas as vezes que conversamos, você me mostrou a importância de caminhar por essa vida de desenganos. E tinha razão. Eu não poderia parar no primeiro obstáculo. Hoje encontrei o meu caminho e vou seguir por ele, afastando barreiras e varrendo as tristezas que encontrar. Sabe, Setenta, você me deu a oportunidade de ensinar Das Graças e eu descobri minha vocação. Vou ser professora. Adoro crianças e vai ser maravilhoso trabalhar com elas. Claro que também voltarei a estudar.

A mulher de cabelos brancos sorri com a boa notícia.

- É isso mesmo, minha filha. A vida tem muitas páginas. Precisamos encher de amor e alegria todas elas. Uma tristeza se escreve em poucas linhas.

A moça lhe dá um terno abraço.

- Então você vai embora...

- Amanhã mesmo. Meu pai vem me buscar. Vou sair bem cedo, pois não gosto de despedidas. Daqui uns dias, todos vão para o outro asilo e não precisarão mais de mim. Assim eu vou mais tranquila.

- Seja feliz, minha filha. A felicidade é uma ave ligeira, mas você pode alcançá-la.

- Obrigada, Setenta. Agora vou me despedir de dona Joana e do seu João, que me acolheram com tanto carinho.

*A maior parte da humanidade passa pela vida sem saber
de imenso valor que tem para Deus.*

*A vida tem muitas páginas. Precisamos encher de amor
e alegria todas elas. Uma tristeza se escreve em poucas
linhas.*

A felicidade é uma ave ligeira, mas você pode alcançá-la.

A cor branca da paz

Uma semana! O dia da mudança havia sido marcado e apenas sete dias faltavam para chegar ao fim todas as dificuldades dos velhos moradores do asilo. Eram dias monótonos de espera. A última feira havia sido realizada e os trabalhos, terminados. Setenta, ao lado de Pereira, ainda cuidavam da horta, visando a alimentação da semana. Uma semente foi encontrada num dos canteiros. Era de uma árvore frutífera e Setenta resolve plantá-la. Pereira estranha sua atitude:

- Mas, pra que plantá-la? Nós vamos embora daqui a poucos dias... e a fábrica?

Mais uma vez a mulher deixa seu bondoso coração falar por ela:

- A natureza precisa ser amada, seu Pereira. Devemos plantar uma árvore não apenas pra nós e nem somente pelos outros. Devemos plantar uma árvore por ela mesma, pela sua beleza, pela sua vida. Venha, ajuda aqui. A semente precisa conhecer a luz do sol, mesmo que seja por pouco tempo.

Nesse momento, Magdalena chega preocupada com alguma coisa.

- O que foi, minha amiga? - indaga Setenta. - O seu andar apressado não me engana.

A mulher respira, recuperando-se:

- Eu não entendo mais nada, Setenta. Foi só marcar o dia de ir embora que a alegria do pessoal acabou. Já vi até lágrimas por aí e alguns falaram que não vão mais deixar o asilo.

Setenta pega sua bengala.

- Vamos lá falar com eles.

Já no banco perto da horta, encontra um grupo deles. A tristeza, que já havia aprendido a respeitar Setenta, foi saindo devagarinho. A sua bondosa voz traz o alento necessário àquelas pobres almas:

- Não fiquem assim. Deus pode se chatear com a gente. Ele fez tudo por nós, até nos deu um asilo novo, e a recompensa que Ele quer é a nossa alegria. Eu sei que todos amam esse velho lugar, mas ele não tem mais condições de nos dar abrigo. Chegou a hora também do seu descanso. Vamos conservar os nossos corações alegres e tranquilos para que possamos também dar amor ao nosso novo lar.

O sorriso volta a fazer parte daqueles rostos. Alguém dá a ideia de tirar uma foto do velho lugar. Setenta diz:

- Fotografar é muito bom, mas a melhor recordação é a verdadeira. A lembrança é foto colorida que vence o tempo. Olhem com carinho cada parede, cada canto, cada detalhe e vocês vão ter o asilo consigo pra sempre. Guardar as boas lembranças é o nono mandamento da velhice.

A nova lição foi aprendida no momento em que um rapaz chega ao portão. Era Sérgio, filho de Aparecida. A mulher nota sua presença e corre ao seu encontro, mas os seus fracos passos não foram muito longe; os joelhos dobram e tocam o chão. Sérgio se aproxima e a levanta com um forte abraço. Sua voz era firme e seus olhos eram livres. Os braços não traziam mais as marcas das agulhas. Com um lindo sorriso, diz à mãe:

- Eu vim buscar a senhora. Mudei a minha vida e agora quero ser feliz ao seu lado.

Aparecida desmancha-se em prantos de felicidade. O rapaz conclui:

- Setenta ajudou a me livrar das drogas e dos falsos amigos. Agora estou trabalhando e já aluguei uma casa pra nós dois começarmos a vida.

A cor branca da paz cobre o asilo. As nuvens lá do alto formam flores, corações, estrelas e pássaros. Setenta, ao longe, murmura para si mesma:

- Quando a vontade é maior, o amor e a alegria sempre têm lugar no final de uma história. Acreditar na felicidade é o décimo mandamento da velhice.

Devemos plantar uma árvore por ela mesma, pela sua beleza, pela sua vida. A semente precisa conhecer a luz do sol, mesmo que seja por pouco tempo.

A lembrança é foto colorida que vence o tempo.

Quando a vontade é maior, o amor e a alegria sempre têm lugar no final de uma história.

Asilo de emoções

A chuva fina caía com a preguiça de uma manhã que acabava de se despertar. O céu estava todo coberto e o sol ainda não havia conseguido mostrar o rosto. Mas não era a ausência dos seus raios que iria ofuscar o brilho de alegria que iluminava o asilo. Aquele era o último dia de espera. Tudo estava sendo organizado: roupas encaixotadas, pertences guardados, todos os preparativos sendo feitos para a partida. A felicidade voava, de quarto em quarto, despedindo-se do lugar para acompanhar aquelas velhas criaturas à sua nova morada. Com a aprovação de João e Joana, logo após a missa das dezoito horas, ia acontecer o casamento de Cesarina e Manoel. Os donos do asilo e os animados velhinhos estavam preparando uma festa para o casal.

As horas foram passando e o momento do matrimônio chegou. Alice, avisada com antecedência, estava presente em companhia dos pais. Ajudava, com carinho, a vestir a noiva. Cesarina estava linda e o plano era ir do próprio asilo, de mãos dadas com o futuro esposo, para a bonita igreja que ficava bem perto dali. Todos os velhinhos, que estavam em condições, saíram para assistir ao casamento. Várias cadeiras de rodas se perfilaram nas calçadas. Alegria era o canto que ecoava por aquelas ruas. Salgados, doces, sucos e muita música esperavam por eles, na volta.

- Quem leva o seu Henrique?

- Eu levo - responde Setenta.

A mulher toca a mão do pobre homem. A falta de visão não deixava que a felicidade também fizesse parte daquele

rosto. Os óculos escuros disfarçavam a tristeza, e um breve sorriso era construído para que a corrente de alegria do asilo não fosse quebrada por causa de apenas um elo. O sorriso, entretanto, não havia enganado Setenta que, durante a caminhada, tenta animá-lo:

- Sei que o caminho para a igreja foi sempre triste para o senhor, mas hoje é um dia de festa... não conseguiu nem um pedacinho dessa alegria pra si?

Depois de uma pausa, o homem responde:

- Sei que eu deveria estar alegre, Setenta. Temos inúmeros motivos pra isso. Mas eu tenho um motivo maior para a tristeza.

- E qual é, seu Henrique?

Num soluço, revela:

- Disseram-me que o novo asilo fica do outro lado da cidade e hoje, então, é o último dia que nós iremos à nossa igreja daqui. E mesmo não podendo vê-la, é muito triste ter que me separar dela...

- O senhor poderá voltar outras vezes. É só querer...

- Sem visão eu só ficaria dando trabalho. E não quero isso. Esta será, realmente, a última vez que estou indo lá.

Setenta aperta a mão daquela criatura, tentando passar-lhe um pouco de esperança.

- Meu amigo, eu acompanhei você muitas vezes à igreja e vi seus olhos brilharem dentro dela. Sei da sua imensa vontade de ver a beleza que ela tem...

- Deve ser muito linda! Todos vivem falando - comenta o homem.

- Ela é mesmo muito bonita. Estátuas grandes, vidros decorados, gravuras com cenas da Bíblia e uma enorme cruz com Jesus Cristo, acima do altar. É linda. Só que...

- O quê, Setenta? - pergunta Henrique.

- Eu acho que a sua vontade de ver a igreja não é tão grande assim.

- Como não, Setenta? É o maior sonho da minha vida! Um sonho impossível, eu sei, mas nunca deixei de sonhar.

- Nenhum sonho é impossível, meu amigo. Eu já lhe disse isso. Se a sua vontade de ver a igreja for do tamanho da sua fé, Deus irá ouvi-lo. Não se esqueça que estamos indo para uma de suas casas.

Nesse momento, o grupo de velhinhos vira a esquina e a igreja aparece, esperando por eles. Setenta exclama:

- Lá está ela! É verdadeiramente linda! Por dentro deve estar mais bela, enfeitada para o casamento.

Os últimos passos foram dados até à porta da igreja. Muitas pessoas ali se encontravam para assistir ao esperado casamento. A notícia da união dos dois velhinhos havia-se espalhado e a igreja estava lotada. Os moradores do asilo foram acomodando-se na parte reservada a eles e o simpático padre inicia a cerimônia.

- Meus irmãos. Hoje é um dia muito especial. Deus nos deu a alegria de presenciarmos mais uma prova do maior sentimento humano: o amor. Eu falo do amor puro, sem falsos motivos. O amor de um homem de sessenta e oito anos e de uma mulher de sessenta e cinco.

Setenta e Henrique ouviam, sentados bem no canto de uma das fileiras de bancos. O padre prossegue:

- E agora, neste momento sagrado, vamos agradecer ao nosso Pai. Todos de pé...

Uma fervorosa oração é rezada em uma única voz. No final todos sentam, com o peito tomado pela emoção. Henrique, de repente, afasta os óculos escuros e esfrega seus

olhos com as duas mãos. Ao retirá-las, um grito voa de sua garganta, enquanto se levanta, chamando para si toda a atenção.

- Eu estou vendo, Setenta. Eu estou vendo a igreja... Meu Deus, como ela é linda! Obrigado, meu Senhor, por me deixar ver a sua casa. Gente, eu estou enxergando depois de vinte anos...

O casamento havia sido interrompido. A surpresa é imensa e o tumulto se forma à sua volta. O homem é convidado a se dirigir ao altar e narrar a história. No final, prega o sacerdote:

- Meus irmãos! Esse milagre foi apenas mais uma prova da grandeza do nosso Pai. Está escrito que nada é impossível aos olhos de Deus. Sua bondade e amor infinitos...

Nessa euforia, o casamento é terminado e os velhinhos retornam ao asilo. Henrique e Setenta ficam para trás. O homem queria ver todos os detalhes da igreja. O seu sonho, agora, era realidade. O impossível se fez na força de sua fé. Permanecem ali por um bom tempo, depois seguem de volta ao asilo. Dessa vez o homem caminha sozinho, sem precisar ser guiado pelas mãos de alguém. Henrique desabafa:

- Não sei como descrever minha alegria, Setenta. Só sei que depois de vinte anos eu volto a ser feliz. Agora poderei retomar a minha vida, procurar meu filho e ajudá-lo a se livrar do vício da bebida. Espero que chegue a tempo.

- Vai chegar - afirma Setenta.

Henrique olha para ela e sorri.

- É verdade. É claro que eu vou chegar.

E olha, mais uma vez, aquele rosto cheio de rugas, os olhos brilhantes e os cabelos brancos. Na verdade, ele estava

conhecendo agora o rosto daquelas pessoas com as quais conviveu tanto tempo.

- Muito obrigado, Setenta. Foi você quem me devolveu a visão.

A festa no asilo já havia começado. A música era alta e preenchia os inúmeros cantos do lugar. Todos comiam, bebiam e dançavam no ritmo gostoso da felicidade. Quando Setenta e Henrique chegam, a alegria ganha mais alegria. João e Joana eram os mais felizes da festa e guardavam para si os sorrisos daqueles velhinhos que tanto amavam.

Tudo estava bem. O quarto dos recém-casados havia sido preparado com carinho e aguardava o final da festa. A chuva, que havia esperado a volta dos velhinhos da igreja, recomeçou a cair agora bem mais forte que de manhã. No barulho e na agitação da festa, Setenta nota algumas pessoas no portão. Era um casal e três crianças. Estavam parados debaixo da chuva sem saber se podiam entrar. A mulher pega um pedaço de plástico para se proteger e tenta ir recebê-los. Benedita, vendo a sua dificuldade em firmar a bengala no chão molhado, toma-lhe o lugar e vai até ao portão. Uma enorme surpresa esperava por ela e faz cair a improvisada proteção de sua cabeça. Era seu filho, Everaldo, que voltava do garimpo e a procurava nos asilos da cidade. Aquele era o último, e o abraço que se segue revela todo o medo que tinha de nunca mais reencontrá-la. As lágrimas daquele momento misturam-se com a chuva, na mais bela fusão feita pelo Criador. Benedita leva seu filho para dentro. Junto com ele, totalmente molhados, seguem sua esposa e seus três filhos. Everaldo não havia encontrado pedras preciosas no garimpo, mas encontrou-as em seu coração. E, naquele

momento, acabava de resgatar para si, depois de dezoito anos, a mais valiosa de todas elas: sua mãe.

Setenta anda pelo local, passando por todas as pessoas, conversando um pouquinho com cada uma delas e, finalmente, encontra sua amiga Magdalena. Depois de trocarem algumas palavras, lhe dá um forte abraço e diz:

- Agora que tudo está bem, eu vou descansar um pouco. Boa-noite, minha amiga.

E segue para o seu quarto. A festa, mesmo tarde, não perdia a animação. Há muito os velhinhos não faziam uma igual, com tantos motivos de alegria e queriam aproveitar ao máximo aquele momento. Aurora, a velha que se libertara dos fantasmas, cansa-se do barulho e distancia-se dos outros para olhar um pouco a chuva que caía. Seus olhos, entretanto, percebem mais que a habitual beleza de uma noite chuvosa. Por sobre o muro que passa detrás dos quartos do asilo, a mulher vê Setenta subindo aos céus, envolta por um círculo de luzes e cores, de encontro aos pingos de chuva que caíam. Por um instante fica parada, olhando aquela visão de incomparável beleza. Quando quis voltar, encontra Magdalena vindo ao seu encontro. Aurora balbucia:

- Magdalena! Acredite em mim... Vão dizer que eu sou maluca, que voltei a ver fantasmas...

- Calma, Aurora - fala a mulher. - o que você viu?

- Estava ali, subindo de lá do muro. Era a Setenta; eu a vi dentro de um círculo colorido, voando para o céu. Ela ainda sorriu pra mim...

Magdalena diz:

- A Setenta está em nosso quarto, Aurora. Vamos lá ver?

A mulher balança positivamente a cabeça e as duas vão

até ao quarto encontrando Setenta em sua cama. Seu rosto demonstrava uma paz imensa. Um leve sorriso se formava em seus lábios. Magdalena toca-lhe a face e as mãos. Depois de um instante, murmura com pesar:

- Está morta! A nossa amiga foi embora.

- Então, você acredita em mim? - pergunta, novamente, a mulher.

Magdalena responde, olhando para Setenta:

- Eu acredito, minha amiga. Ela subiu mesmo para o céu. Era um anjo que Deus enviou para nos ajudar. Chegou com a Primavera, e a sua bondade floresceu no asilo. Se não fosse sua ajuda, é certo que não chegaríamos ao dia de hoje enfrentando, sozinhos, tantas dificuldades. Sim, minha amiga, eu acredito em você. Só nós duas sabemos...

- Vamos contar aos outros que ela morreu. Vamos?

- Não. Deixe para amanhã. Setenta não gostaria que a gente atrapalhasse a alegria de todos eles. Vamos deixar prosseguir a música, os sorrisos e a felicidade desse asilo de emoções...



Mandamentos da Velhice

- 1º - Deitar cedo e levantar cedo*
- 2º - Não se irritar com a insônia*
- 3º - Suportar a saudade*
- 4º - Amar o trabalho*
- 5º - Demonstrar alegria para que as crianças não aprendam infelicidade*
- 6º - Saber ouvir o silêncio*
- 7º - Viver até o último dia*
- 8º - Não perder a esperança*
- 9º - Guardar as boas lembranças*
- 10º - Acreditar na felicidade*

